

Gazeta das Aldeias

N.º 2662

1 DE MAIO DE 1970

Sala

Est.

Tab.

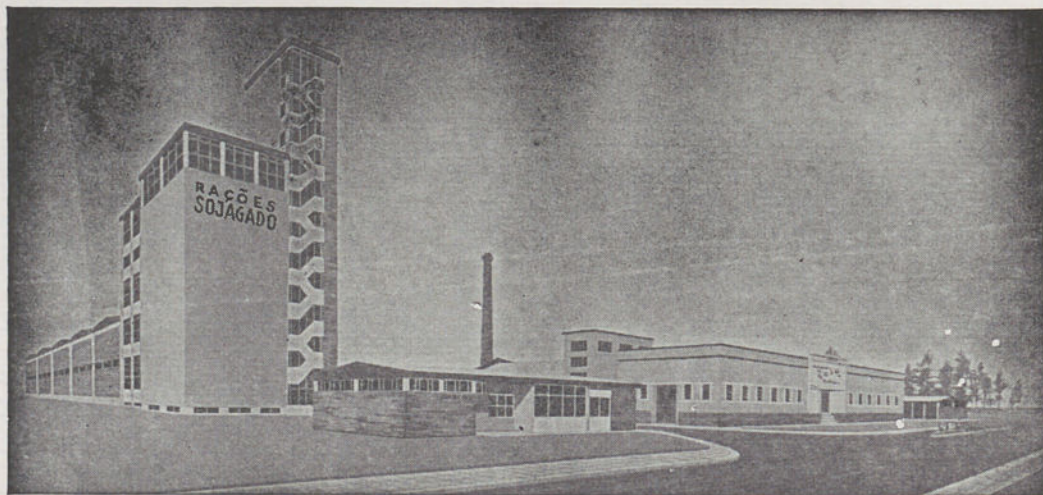
N.º

ALIMENTOS COMPOSTOS

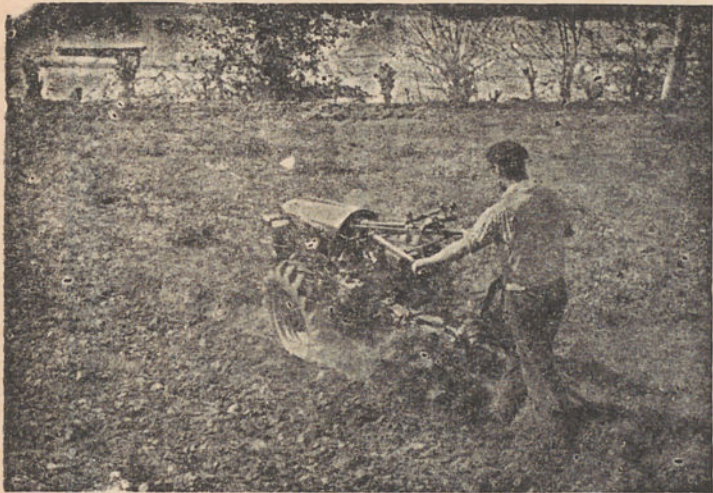


SOJAGADO

PORTO — OVAR — LISBOA



INSTALAÇÕES FABRIS DE OVAR

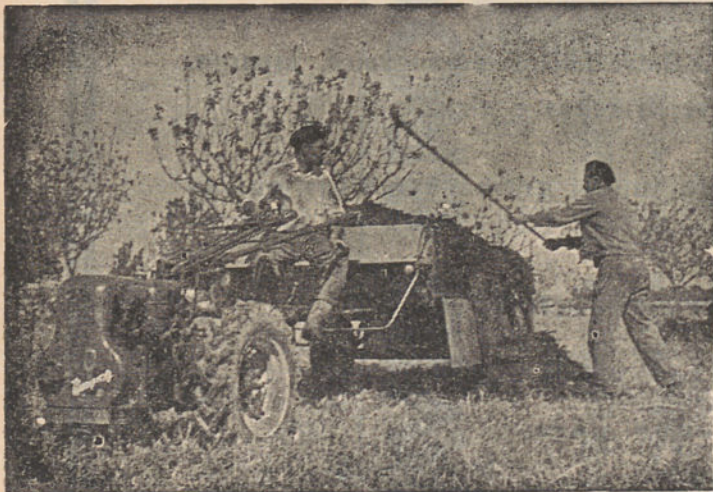


← Na Lavoura

BUNGARTZ

Nas Vinhas e Pomares →

BUNGARTZ



← Nos Transportes

BUNGARTZ

(ISENTO DE CARTA)

8:89

**NÃO HÁ MAIS EFICIENTE
NÃO HÁ MAIS ROBUSTO**

Motocultivadores Diesel de 7 e 13 HP..

RAMO AGRÍCOLA DA

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

Avenida Rodrigues de Freitas, 68

PORTO

Telefs. 55161-2-3



Sr. Agricultor

Elimine a **junça** das
suas culturas, mondando-as

com

EPTAM G^(R)

- * **Utilizável sobre:** batata, feijão, morangueiro, espargo, luzerna, trevo, fruteiras e vinha.
- * **Eficaz:** activo sobre junça, grama e muitas outras infestantes.
- * **Seguro:** sem riscos de acumulação no solo.

**Queiram consultar-nos para
quaisquer esclarecimentos
complementares**

(R) Marca Registada de
STAUFFER CHEMICALS

N. B. — Antes de utilizar o
EPTAM ler o rótulo



Agroquímica Pechiney Progil, Lda.

Rua António Enes, 25, 2.º DT.

Telefones: 44180 - 44189 - 537916 - LISBOA - I

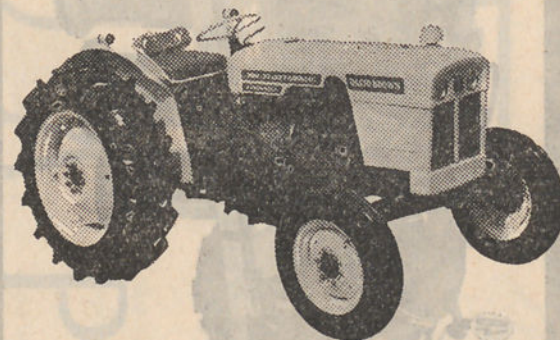


DAVID BROWN 780

selectamatic

O TRACTOR IDEAL PARA A LAVOURA DO NORTE

- POTÊNCIA 46 H. P.
- ELEVADOR HIDRÁULICO INCORPORADO, COM CONTROLE DE PROFUNDIDADE, ALTURA E TRACÇÃO
- TOMADA DE FORÇA INDEPENDENTE
- BLOCAGEM DO DIFERENCIAL
- EMBRAIAGEM DUPLA
- ASSENTO MÓVEL E OUTROS DISPOSITIVOS PARA MAIOR CONFORTO DO CONDUTOR



J. J. GONÇALVES, SUCRS. S. A. R. L. • DIVISÃO AGRÍCOLA • R. Alexandre Braga, 36—PORTO—Telef. 22868



4 cilindros rotativos ao seu serviço na gadanheira rotativa John Deere

Cilindros independentes para acompanhar as irregularidades do terreno.
 Perfeita adaptação a terrenos pedregosos.
 Fluxo constante de alimentação que não permite «empapamento».
 Lâminas de corte por cilindro — 2
 Largura de corte — 1,60 m.
 Potência requerida — a partir de 35 C.V.
 Velocidade do veio da tomada de força — 540 r.p.m.
 Velocidade de trabalho — 10 a 12 Km/h.
 Peso — 360 Kg.
 Sistema de engate ao tractor — por 3 pontos da categoria I ou II.



SERVIÇO EM CARROS OFICINA
 PEÇAS LEGÍTIMAS

John Deere o maior produtor mundial de máquinas agrícolas



SOCIEDADE COMERCIAL GUERIN, S. A. R. L. — Avenida da Índia (Pedrouços) — Lisboa — Telef. 61 19 71/4
 Filiais, Agentes e Sucursais — Aveiro, Beja, Braga, Bemposta, Chaves, Coimbra, Évora, Faro, Portalegre, Sabugal, Santarém,
 Setúbal, Sousel, Torres Vedras, Viseu, Porto, Benavente, V. do Castelo, Mirandela, Vila Real, Rio de Mouro.



LUZERNA

"M O A P A"

Importada directamente dos
Estados Unidos da América
e obedecendo a todos os
modernos requisitos científicos

4479

**Pedir informações e preços aos
Representantes Exclusivos:**



Agroquímica Pechiney Progil, Lda.

Rua António Enes, 25-2.º

Telefones: 44180-44189-537916 - LISBOA-1



Filtros * Bombas * Rolhadores * Máquinas de gaseificar * Máquinas de encher * Saturadoras * Mangueiras de borracha e de plástico, etc., etc.

Acido Cítrico * Acido Tartárico * Acido Ascórbico * Sorbato de Potássio * Metatartárico * Carvão «Actibon» * Taninos «Dyewood» (os melhores à venda em Portugal) * Anidrido Sulfuroso * Metabisulfito de Potássio * Solução Sulfurosa * Gelatina Spa-R * Bentonite «Volklay» * Fosfato de Amónio * Barro Espanhol * Caseína * Albumina de Sangue * Calgonit (o melhor desinfectante e decolorante de vasilhas) * Permanganato de Potássio * Carbonato de Sódio * Actisolar * Emboçoi * Bono-Suif (Mastic francês) * Mechas de Enxofre * Glutofix (cola para rótulos) * Goma Laca * Goma Arábica * Parafinas (sólidas e líquidas)

Ebuliómetros * Acidímetros * Areómetros * Glucómetros * Mostímetros * Alcoómetros * Termómetros * Vinómetros * Buretas * Provetas * Balões * Copos * Reagentes, etc., etc.

Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

Telefs. 28093
35173

3876



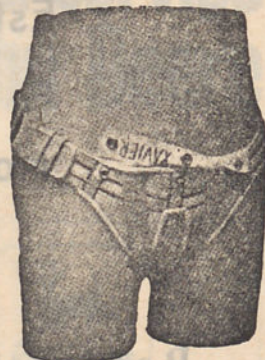
Sunda Elástica

S/ MOLAS E S/ PELOTAS

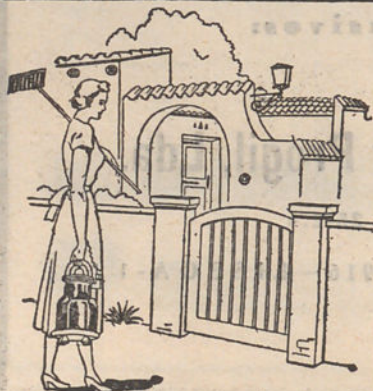
CASA XAVIER

Albino Pinheiro Xavier, Filhos
ORTOPEDISTAS

161, Rua dos Caldeireiros, 165 — PORTO
Telefone, 22908



1701



“VIBRO-VERTA”

A BOMBA SUBMERSÍVEL ELECTROMAGNÉTICA

PARA:

Usos caseiros - Pequenas regas - Lavagens a pressão
BARATA * CONSUMO INSIGNIFICANTE * PORTÁTIL
Não requer cuidados nem instalação especial
Liga-se a qualquer linha monofásica da iluminação
Demonstrações grátis

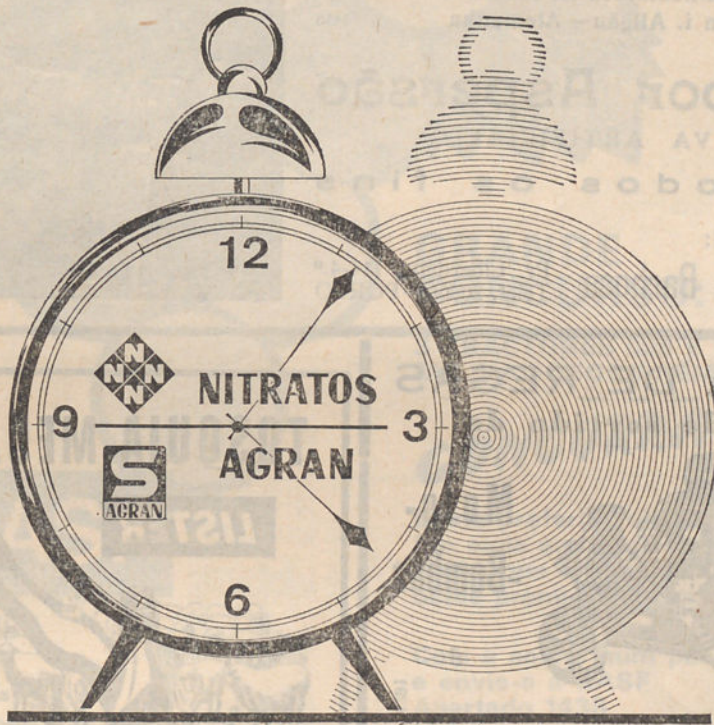
REPRESENTANTE GERAL
PARA
PORTUGAL E ULTRAMAR

J. L. DUARTE DE ALMEIDA, SUC. RA
RUA DE S. MIGUEL, 61 — PORTO
TELEF. 26515

4473

Em qualquer hora, em qualquer dia
o seu problema de adubação ou de
fitossanidade pode ser resolvido
com os produtos

NITRATOS • AGRAN

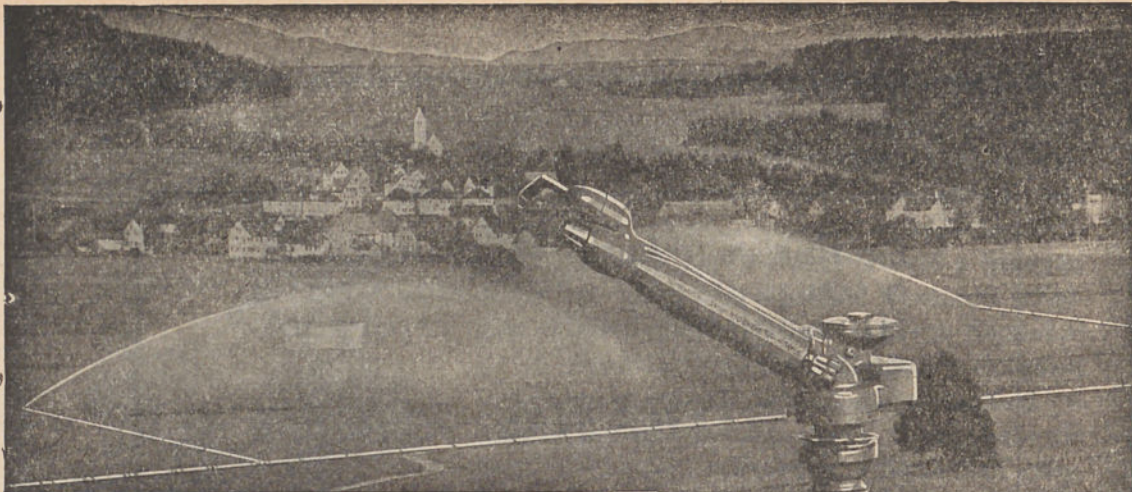


Recorte pelo tracejado e cole num postal enviando
para

NITRATOS - Apartado 2931 - LISBOA

Estou interessado em receber literatura e documen-
tação técnica sobre produtos dos Nitratos-Agran.

11



Maschinenfabrik A. HOLZ
Wangen i. Allgäu — Alemanha

4458

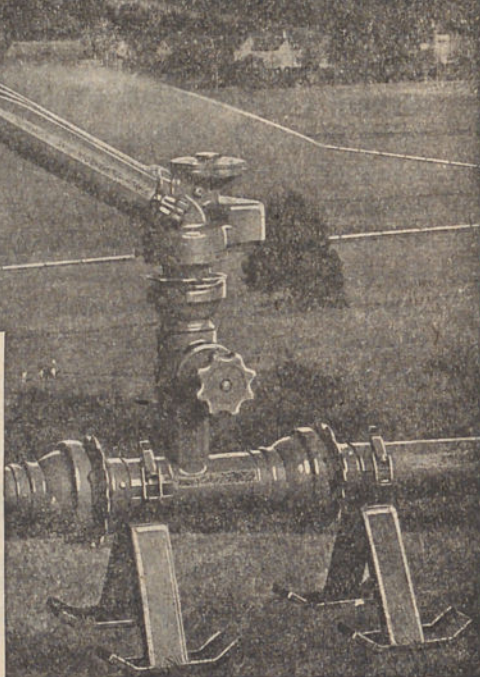
Rega por Aspersão

(CHUVA ARTIFICIAL)

para todos os fins

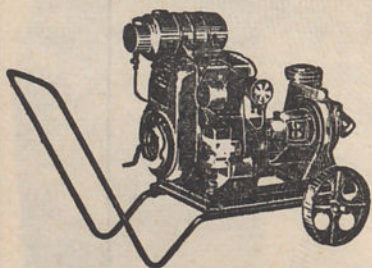
Representante Geral:

Eng.º Paulo C. Barbosa Pr. Liberdade, 114-4.º
Telef. 20866 — PORTO



ÉPOCA DE REGAS

Grande sortido de

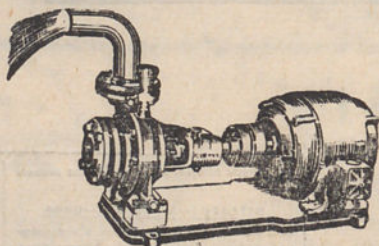


Moto-
-Bombas

e

4291

Electro-
-Bombas



Confiem na grande experiência da
Casa Cassels

191 — Rua Mousinho da Silveira — PORTO
56 — Avenida 24 de Julho — LISBOA

TOSQUIA MECANICA

LISTER



MÁQUINAS ELÉCTRICAS
E GRUPOS COM MOTORES DIESEL

Sul

lisfi MOTORES DE PORTUGAL S.A.R.L.

Av do Brasil, 186 - A - Telefone 717156 - LISBOA-5

Norte

PINTO & CRUZ, Lda

R. Alexandre Braga 60-70 - Tel. 25001 (PCC) PORTO-1

4477



BASF

**GRANDE
CONCURSO:**

**3 TRACTORES AGRA E
MIL VALIOSOS PRÉMIOS!**

CONCORRA !!

Basta preferir Polyram-Combi.
Em cada embalagem há uma
senha que o habilita a todos
estes prémios de grande valor.

Cole a senha num postal
e envie-a a BASF
Apartado 1438
Lisboa

Polyram Combi

UM PRODUTO ALEMÃO

UM ARRAIAL DE TROLHA SÓ COM POLYRAM NA FOLHA!

4450

INFORMAÇÕES ARBORÍCOLAS

MACIEIRAS

N.º **2**

TRATAMENTO DA
FLORAÇÃO ATÉ
PRÓXIMO DA COLHEITA

QUEDA DAS PÉTALAS



Estádio G-H

Pedrado Monilia	MANCOZAN	Em 100 L de água 200 g
Oídio	DINO GIL + ETALDYNE	100 g
Afídios Hoplocampas Traças	PARAPHENE	50 cc

FORMAÇÃO DOS FRUTOS



Estádio I

Pedrado	CURITAN	100 g
Oídio	DINO GIL + ETALDYNE	100 g
Afídios Aranhijos vermelhos	DAFENIL	75 cc

**ATÉ 1 MÊS APÓS
A PLENA FLORAÇÃO**



Bichado Traça oriental	IMIDAN	100 g
Pedrado	CURITAN	100 g
Oídio	DINO GIL + ETALDYNE	100 g

**ATÉ PRÓXIMO
DA COLHEITA**



Bichado	em alternância IMIDAN ou BATAZINA PM	100 g 200 g
Pedrado Doenças de conservação	MANCOZAN	200 g
Oídio	DINO GIL + ETALDYNE	100 g
Aranhijos vermelhos	ACARGIL	200 g
Mosca dos frutos	DAFENIL	75 cc

Peça a nossa documentação especial **MACIEIRAS**

Nome _____
Morada _____

Intervalos entre o último tratamento e a colheita:

BATAZINA PM e DINO GIL (3 semanas);

ACARGIL, DAFENIL e IMIDAN (2 semanas); **MANCOZAN** (1 semana).

ANTES DE UTILIZAR QUALQUER PESTICIDA LEIA O RÓTULO



Rua António Enes, 25, 2.º-D. — LISBOA-1
Telefs. 44180 - 44189 - 537916 — Portugal

PLATZ

A mais antiga e mais importante fábrica alemã especializada na construção de máquinas para tratamentos fitossanitários.

Pulverizadores
Atomizadores
Polvilhadores

Distribuidores Exclusivos:

Aguiar & Mello, L.^{da}

Praça do Município, 13-1.º—LISBOA

as ervas custam dinheiro!

Sim, a jorna das pessoas que as arrancam!

**poupe dinheiro!
poupe mão de obra!**

'Gramoxone'

É económico.

É fácil de preparar.

Aplica-se com qualquer tipo de pulverizador.

Destrói rápida e eficazmente as ervas daninhas.

É a sacha mais rápida para a sua vinha,

para o seu pomar, batata, ou tomate.

Para todo o tipo de culturas.

'Gramoxone'

SACHA QUÍMICA PARA AS SUAS CULTURAS!



Companhia União Fabril

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Julio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRICOLA

DIRECTOR

AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

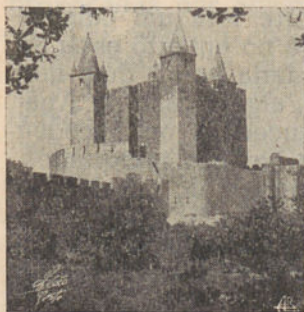
EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) • Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 - PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS - PORTO • Telefones: 25651 e 25652Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º - PORTO

SUMÁRIO

Vinhos e automobilismo	317
Ainda as doenças carenciais — Médico Veterinário José Carrilho Chaves	318
Eng. Agrónomo Álvaro Trigo de Abreu	321
As trovoadas e o crescimento em diâmetro das árvores — M. A.	322
Trabalhos em Maio	325
Achegas para um plano de ordenamento rural — Arquitecto J. Pinto Machado	327
O Absinto: cultura e usos — Eng. Agrónomo e Silvicultor Carlos H. Gomes Ferreira	330
Cooperação, Associação — Caminhos a seguir — Eng. Agrónomo H. Bonifácio da Silva	332
A propósito de uma visita ao «Parque Nacional da Peneda e Gerês» — Prof. C. M. Baeta Neves	335
Mecanização Agrícola — O 41.º Salão Internacional da Máquina Agrícola (Sima)	341
A técnica agrícola e a sua expansão — Regente Agrícola J. Costa Rosa	342
Caça e Pesca — A mocidade e a caça — Almeida Coquet	345
SERVIÇO DE CONSULTAS	
— Horticultura	348
— Direito Rural	350
Informações	352

A NOSSA CAPA



Vila da Feira

ASSINATURAS

Ano	10000
Semestre	55000
Número avulso	5000
Estrangeiro (Excepto Espanha) — mais	50 %

Visado pela Comissão de Censura

VINHOS E AUTOMOBILISMO

REALIZAM-SE já, entre nós, várias manifestações, além das folclóricas, exposições ou feiras, que procuram chamar a atenção do público para certas actividades ou produtos agrícolas.

De momento veem-nos à ideia o «rally» do Vinho do Porto e o «rally» do Vinho Verde, manifestações desportivas cuja intenção final é *agitar* o nome do produto, pôr o cidadão em contacto com a realidade agrícola regional, quanto mais não seja, através da sua paisagem.

São pois de acarinhar e de desenvolver essas iniciativas que, indiscutivelmente, se projectam directa ou indirectamente, na economia dos produtos. E é essa, ao fim e ao cabo, a sua finalidade.

Talvez que alguns dos participantes nessas provas pela primeira vez sejam solicitados para o que se passa fora da estrada e compreendam que o *meio*, traduzido para eles no relevo, nas formas de cultura, no aspecto geral da paisagem, está na base da tipicidade do produto e motivaram a denominação de origem que a lei lhes reconhece.

Como complemento dessa acção divulgadora, justificava-se já iniciar-se entre nós a sinalização das «estradas do vinho», percursos rodoviários atravessando zonas vinícolas de nomeada e onde o turista pudesse encontrar uma culinária típica, de nível, acompanhando os vinhos aí produzidos, exaltando-lhes as suas qualidades.

Estamos, em mente, a visionar alguns desses percursos, deliciosos com as paisagens, das mais belas do País, a *água a crescer* na boca, no antegoso duma *prova* de vinhos de qualidade. Propositadamente empregamos o termo *prova*. Não se trata de *emborcar*, mas de *provar* para o que essa estrutura turístico-culinária-enológica terá que revestir aspectos didáticos para, pela educação, se atingir o *bom gosto*, em que o pantagruélico seja posto de lado e fique só o que for requinte e arte de bem viver.

Seria ainda essa a forma de conciliar o vinho e o automobilismo, mantendo-se os *volantes* nos limites da correcta sobriedade.



Ainda as doenças carenciais

Por
DR. JOSÉ CARRILHO CHAVES
Médico Veterinário

EM artigo anterior, apresentamos um apontamento sobre as moléstias em epígrafe.

Propositadamente deixamos em aberto o assunto sobre a falta do ião ferro na alimentação dos nossos animais, porque lhe queríamos dar um pouco mais de minúcia, o que não estava no âmbito do outro trabalho.

Num grupo de vacas de raça Hereford, importado directamente dos Estados Unidos da América do Norte, passados que foram alguns meses da sua entrada em Portugal, verificamos que uma delas morreu repentinamente, sem que desse tempo a poder sequer fazer-se um hipotético diagnóstico.

Fez-se no entanto a necrópsia, sempre conveniente em qualquer caso de morte. Esta norma entrou desde sempre nos nossos hábitos de rotina há mais de 3 décadas, tendo-nos sido sempre muito útil. Serve muitas das vezes para elucidar o dono do animal.

Aberta a carcaça, após a esfolagem e depois dum exame, o mais minucioso pos-

sível, dentro do condicionamento do trabalho efectuado em pleno campo, notamos apenas que o músculo cardíaco (miocárdio) se encontrava comprometido. Estava amolecido e aumentado de volume (dilação cardíaca).

A causa da morte fora um colapso cardíaco. Era preciso no entanto estar de sobreaviso, pois poderia surgir dum momento para o outro, algum caso de Anaplasmose, como sucedera ou sucedeu nalguns núcleos de bovinos importados, existentes noutros pontos do nosso País. Fizemos por essa razão uma colheita de baço para ulteriores exames laboratoriais, cujos resultados foram negativos como supúnhamos.

Adoeceu pouco tempo depois uma outra vaca, mas esta já deu tempo a poder fazer-se um diagnóstico.

A pele fina do úbere, assim como a do focinho, a pele do redor dos olhos assim como a córnea encontravam-se de coloração amarelo-esverdeada.

Não apresentava subida de temperatura, isto é, o processo patológico exibido

pela doente evoluia sem febre-síndrome ou conjunto de sintomas, de que a elevação da temperatura do organismo doente é o principal sintoma.

A mucosa bucal, assim como a das gengivas estava branquíssima, o que denotava um estado de anemia profundo.

A doente encontrava-se bastante debilitada. Mal comia. Para se manter em pé, afastava os membros anteriores não só para se poder equilibrar melhor, como também para facilitar a função respiratória comprometida pela falta de glóbulos vermelhos, indispensáveis à fixação e transporte do oxigénio.

Foi feita uma colheita de sangue para ser analisado, não se tratasse dum caso atípico de Anaplasmose. Como contávamos, o resultado da análise foi negativo.

Para combater a grave anemia exibida, mandamos administrar-lhe Carbonato de ferro e verificamos com satisfação que o animal começou a reagir favoravelmente, e a coloração amarelo-esverdeada ia gradualmente desaparecendo. A vaca já comia bem e restabeleceu-se, não morreu.

Feito um exame minucioso a todo o agrupamento, verificamos que a maioria se não todos os bovinos, apresentavam a mucosa ocular assim como a das gengivas e a da boca, bastante anemiadas.

Prescrevemos a administração de Carbonato de ferro a todo o agrupamento, na dose de vinte cinco gramas «per capita» e por dia e nunca mais tivemos mortes provocadas por anemia ou animais com aspecto icterico, aspecto esse também característico na Anaplasmose, todavia esta zoonose evoluiu com hipertermia, como anteriormente indicamos num trabalho intitulado «Piroplasmas e Piroplasmoses» publicado na Revista.

A coloração exibida pela doente de que temos contado a história clínica embora muito rapidamente, era devida à destruição dos glóbulos vermelhos do sangue libertando-se por esse facto a hemoglobina ou «Pigmento Respiratório», que tem por função fixar o oxigénio indispensável para a hematose, que é como todos sabemos a função que transforma o sangue venoso em sangue arterial, pigmento vermelho que é canalizado para o fígado ou glândula hepática, e aí transformado num pigmento amarelo-esverdeado

devido que vai dar a coloração anormal às mucosas, à carne, ao próprio carnoz (o avesso do couro dos bovinos), à pele de coloração branca, etc..

Entretanto na região onde esses bovinos de raça Hereford vivem, nunca se notou nos ruminantes das raças autóctones, quaisquer fenómenos de anemia ou de coloração patológica.

Sabe-se que os animais armazenam no organismo o ferro, sob a forma de «Ferritina». Laufbergen há mais de seis lustros, mais precisamente em 1937, constatou pela primeira vez a sua presença no estado cristalino. Segundo o contexto do referido autor, na constituição química do referido produto, existe um agrupamento proteico ou «apo-ferritina» e outro agrupamento férrico. Encontra-se a ferritina no baço, fígado, rins, intestino, medula óssea, encéfalo, placenta, etc..

Ao que parece, a constituição química da ferritina isolada nos bovinos é diferente da encontrada nos outros animais, devido a modificações do agrupamento proteico.

Ficamos sem saber a génese desta doença sanguínea, que se poderá atribuir neste caso à deficiente aclimação, à maior exigência em sais de ferro em relação com as raças bovinas portuguesas.

O meio ambiente tem bastante influência sobre o organismo, apresentando-se como dos principais factores, a alimentação e o próprio clima, desdobrando-se este factor em «micro-clima» o que incide directamente sobre os indivíduos, e o «micro-clima» referente à zona da exploração.

Os bovinos são muito mais exigentes em relação ao clima e à alimentação, comparativamente com as outras espécies.

Este assunto está integrado num dos capítulos da «Ecologia» que em síntese é a parte da Biologia que estuda a vida dos animais em todas as suas manifestações e relações com os seres que os rodeiam, estudando ainda as relações do indivíduo com o meio ambiente.

Os bovinos que nos ocupam neste pequeno trabalho, estavam habituados a outra alimentação, a outros hábitos, andavam em manadas nas pradarias, não temiam os cavalos e os vaqueiros que os montavam. E até estranharam o idioma,

que segundo nossa opinião terá tido influência psicológica sobre esses animais.

Não estavam habituados à habitual interjeição para andarem: «EIXE, EIXE» e serem nomeados por «Castanha», «Pomba», «Cabana» e tantos outros nomes como «Rosa do Adro» como há mais de três décadas se registou no respectivo resenho dos serviços de profilaxia dos bovinos leiteiros, uma vaca turina da freguesia de Tarouquela do Concelho de Cinfães.

Fugiam a sete pés, como soi dizer-se, dos homens que as pensavam.

Depois duma viagem de barco mais ou menos morosa a que os bovinos não estão isentos do enjoo, eis que são metidos em currais, e como diz a «Sabedoria das Nações» — «Galinha de campo não quer capoeira». Também não se mantinham sossegadas em rebanho. Tinham a ânsia da liberdade.

Todos os factores apresentados tiveram certamente influência maior ou menor no comportamento biológico deste agrupamento de bovinos exóticos, e condicionaram o aparecimento deste tipo de anemia.

Depois de termos tratado e salvo este núcleo bovino de raça inglesa Hereford, eis que nas nossas mini-férias de Natal, mais propriamente no próprio dia da Natividade, nos deslocamos de Lisboa ao Ribatejo para detectarmos uma «doença desconhecida» — (foi assim que nos informaram) — que já tinha vitimado meia dezena de garraios de um ano de idade. A 20 de Dezembro, morreu um macho e uma fêmea. No dia seguinte morreram mais duas fêmeas, e em 23 sucumbiu mais um macho. A hecatombe não tinha fim. O grupo inicialmente composto de 35 ca-

beças de bovinos de raça brava do Ribatejo, já estava reduzido a 30 animais.

Ouvidas as informações prestadas pelo feitor sobre o modo como se tinha desenrolado a zoonose, e inspeccionada uma fêmea, que estava muito doente, e que morreu pouco depois de sairmos, como previramos, verificamos com facilidade que se tratava de «Anemia», cuja causa contudo desconhecemos, mas talvez possa ser filiada em problema alimentar. Devemos esclarecer que na propriedade que visitamos, há a criação cavalariça, ovina e que nos touros de lide e nas vacas nunca se manifestaram sintomas de anemia.

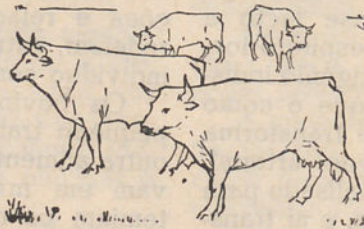
Preconizamos imediatamente a administração de ferro injectável, que só pôde ser adquirido no dia seguinte, dia 26, iniciando-se o tratamento nesse mesmo dia. No sábado dia 27, o feitor telefonou-nos para nos informar que a manada já parecia outra, e que não tinha morrido mais nenhum garraio.

Voltamos a ver a manada em 11 de Fevereiro do ano em curso e verificamos a franca recuperação dos bovinos.

Em devido tempo, enviamos para a Estação Zootécnica Nacional, os informes sobre o aparecimento destes dois focos de «Doenças Carenciais».

Posteriormente tivemos conhecimento informativo, de que em determinada propriedade minhota, tinham morrido bovinos atacados de anemia.

Limitamo-nos a relatar os factos e a apresentar os resultados positivos do tratamento por nós instituído, o que poderá de certo modo pôr de sobreaviso os senhores criadores, para que tomem as precauções necessárias atinentes a preservar um sector importante da economia da Nação — a Pecuária.



Engenheiro Agrónomo

Álvaro Trigo de Abreu

No passado dia 15 de Abril extinguiu-se, após longa e dolorosa doença, o engenheiro Álvaro Trigo de Abreu.

A ele nos ligaram profundos laços de amizade e de admiração, alicerçados em longos anos de permanentes contactos profissionais, durante os quais nos habituamos a admirar as qualidades morais, a capacidade, o optimismo, a rígida lealdade e o espírito de sacrifício de Trigo de Abreu.

Profissional que fez da dedicação à função pública um lema e um ideal de trabalho e um técnico que viveu sempre para a profissão, esquecendo-se dela viver, marcou um lugar na engenharia agronómica portuguesa e na Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas que dificilmente será superado.

Iniciando a função pública pela chefia da extinta Estação de Sericultura de Meneses Pimentel e depois pela da Brigada Técnica da III Região Agrícola (Mirandela), toma parte activa na Campanha do Trigo e na Campanha da Produção Agrícola em que aquela veio a transformar-se. Exerceu por duas vezes as funções de presidente da Casa do Douro em momentos difíceis para a viticultura duriense. Foi director da Estação Agrária do Porto e delegado do Governo junto da Casa do Douro e da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes. Ascendeu na carreira pública e por méritos próprios, a Inspector-Chefe da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas.

Se toda a acção de Trigo de Abreu é positiva e de destacar, a que exerceu na Casa do Douro durante os dois períodos da sua presidência e a de Delegado do Governo na Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, bastariam para bem preencher

uma vida de dedicação profissional, marcada sempre por um grande sentido de realidades práticas, pelo apagamento voluntário da sua própria pessoa, pela lealdade à função que, tantas vezes, o fez tomar para si responsabilidades que lhe não cabiam.

Quer o Douro, quer a Região dos Vinhos Verdes talvez nunca cheguem a avaliar com rigor e com justiça, quanto ficaram devendo, em períodos críticos das suas existências, à sua actuação pessoal sem exhibicionismos e aos conceitos directivos que não recorriam a terminologias rebarbativas para serem correctamente actuantes e acima de tudo, honestos e justos para todos, quem quer que fossem.

Uma imensa capacidade de trabalho fez dele o protótipo do lutador incansável, levando a dedicação à carreira que escolhera para além dos limites do concebível.

Amigo dedicado, exercia a amizade sem exteriorizações e sem esperar agradecimentos, o que não obstava a que uma sensibilidade emotiva, que procurava encobrir com uma capa de certa rudeza, não se doesse com a ingratidão que tantas vezes foi a sua paga.

Parece que o destino aguardava que Trigo de Abreu desse por finda a sua carreira pública, para o atingir com toda a brutalidade, negando-lhe um merecido descanso.

Aqueles que de perto lidaram com ele e lhe devem a sua amizade, compreendem que essa brutalidade tem coerência. É que não se pode imaginar o dinamismo do eng. Trigo de Abreu numa situação de reformado.

O fim do lutador tinha que ser dolorosamente este.

AS TROVOADAS E O CRESCIMENTO EM DIÂMETRO DAS ÁRVORES

ALÉM dos factores meteorológicos que é norma considerar como tendo uma influência maior ou menor sobre o crescimento das árvores florestais, também as modificações produzidas nos campos eléctricos da atmosfera são susceptíveis de activar o mesmo.

Efectivamente, trabalho recente de Th. Wilhelmi acerca das relações existentes entre os potenciais eléctricos nas árvores e o seu engrossamento, e que refere o encontro dos coeficientes de correlação de 0,72 para o lenho e de 0,81 para a casca, mostra ser o crescimento diametral influenciado por factores eléctricos externos.

E' que residindo nas diferenças de potencial a causa das correntes eléctricas, os saltos registados neste aquando das trovoadas passam a operar como factor dinâmico no que concerne ao fluxo da seiva, possivelmente determinando pequenas alterações na dimensão e estrutura das finas ligações de plasma, que, relativamente à sua acção transportadora, através das paredes celulares, de uma para outras células, dos produtos de assimilação, dispõem, a seguir às trovoadas e durante um breve período, de uma maior capacidade de transporte.

E que a explicação seja esta ou qual-

quer outra, talvez, como opina ainda como mais provável o citado investigador, no estudo em questão, «Elektrische Potentialdifferenzen in Waldbäumen, ihre Abhängigkeit von meteorologischen Faktoren und ihre Beziehung zum Dickenwachstum», publicado no *Journal Forestier Suisse*, a de uma reacção da membrana celular sob a forma de um aumento da respectiva permeabilidade, sendo, outrossim, admissível a ocorrência de modificações electrostáticas sobre as superfícies limitrofes das células, devidas à impulsão, o certo é que a constatação, anteriormente feita, de que o crescimento das árvores é fortemente estimulado após as trovoadas, em comparação com o que sucede nos dias imediatos às chuvas ordinárias, parece encontrar-se já suficientemente comprovado.

Deste modo, a par da luminosidade, da temperatura e da humidade, também a electricidade atmosférica se revela factor meteorológico capaz de revestir carácter positivo no processo de crescimento da vegetação florestal, já que, até há pouco, com base nos conhecimentos que se possuíam, o único fenómeno eléctrico que, em regra, se referia poder interessar a floresta era o raio, mas este pelas suas funestas consequências. — M. A.

Trabalhos em Maio

Nos campos

Concluir a preparação das terras destinadas a sementeiras e plantações próprias da época, adubando-as convenientemente e empregando os adubos apropriados.

Atalhar ou atravessar para os cereais e outras culturas do Outono, não esquecendo que «decrua de Maio e estravessa de S. João parecem bem, mas não dão pão».

Abarbeitar para os nabais do Verão, (S. Lourenço, S. Bartolomeu).

Enterrar cevalhos para plantações de batata ou sementeira de milho, feijão, feijanico, aplicando ao mesmo tempo adubos e correctivos apropriados, como superfosfato e gesso, cal em pó ou sucedâneos, nos terrenos que a não possuam. Mais uma vez se lembra que a adubação apropriada só pode estabelecer-se em face da análise do terreno.

Semear: — milho de folha e milho de «relva», restivo ou revolta, nas margens; — trigo sarraceno; feijão e feijoa rasteiros, soja, estremes ou associados ao milho, nas terras mais fundas ou frescas irrigadas; — ricino; — girassol; — feijanico ou feijão frade, nos sequeiros; — linho e cânhamo nos primeiros dias do mês, ambos generosamente adubados para produção abundante; — melões e melancias; — pensos para gados (abóboras, alpista, erva do Sudão, milho grosso, milho miúdo, bravo

ou esparranhado, painço, sorgos, trevo violeta, luzerna, sula); — chicória para café onde houver atrasos; e ainda, por fim, trigo tremês nas zonas mais frias.

Plantar: — açafião; — batata nas terras fundas e irrigáveis; — batata doce; — beterraba forraginosa, produzida em viveiro; — couve galega ou versa: — girassol; — melões e melancias semeados em vasos; — pimentão e tomateiro; — sula para forragem.

Mondar e sachar trigos de Primavera —sachar, manual ou mecânicamente, batata, tupinambo, legumes, (chicharo, ervanço, feijão, feijoa), milho, que nos sequeiros pode ser já amontoado, meloal e girassol.

Fazer coberturas de nitrato ou sulfato de amónio onde seja necessário, especialmente nas culturas de batata, milho e trigo tremês; — e de gesso nos prados de leguminosas (luzerna, bersim, trevos), depois do corte.

Capar abóboras e melões suficientemente desenvolvidos.

Pulverizar os batatais e tomatais com caldas cúpricas e os ervançais e feijoais com as mesmas; — defender, do piolho, feijoais e meloais com os produtos apropriados que se encontram no mercado e cujos resultados satisfazem ligeiramente.

Semear e plantar arroz, adubando previamente o terreno com abundância; — e mondar os arrozais que tenham sido semeados cedo; — fazer coberturas com

adubos azotados, gesso, cal, conforme os casos.

Apanhar (ceifar ou gadanhar), secar, atar, enfardar ou emedar os fenos dos prados temporários ou permanentes de gramíneas; — e apanhar garrobas para o fim do mês, destinadas a feno (misturadas), ou a grão; — e recolher as sementes dos azevêns; — ceifar trevo encarnado para feno.

Ceifar, para o fim do mês, cevadas, aveias temporãs, centeios e trigos precoces, tendo o cuidado de separar as manchas melhores para a obtenção das boas sementes.

Nas vinhas

Redrar ou estravessar à enxada, ao charrueco, ou ao tractor, onde for possível, e à grade de molas ou cultivador, operações seguidas ou não por passagem de grade lisa.

Enterrar cevalhos ou adubos verdes nas zonas mais frias, onde o seu desenvolvimento se tenha atrasado e onde o clima não as contra-indique.

Nitratar bacelos e cepas que o precisem, de preferência em furos, se o tempo decorrer seco.

Esladroar cuidadosamente as cepas e os enxertos para melhor formação das varas.—Desbarbar os enxertos.—E manter bem apurados os bacelos.

Enxofrar e sulfatar, atendendo a que o tempo por ter corrido húmido, a elevação da temperatura, por certo, favorecerá o aparecimento e a propagação do mildio e do oídio.—Combater a altica ou pulgão da vinha, se aparecer, com as caldas apropriadas que se encontram no comércio.

Nos pomares

Plantar ainda laranjeiras e outras fruteiras de espinho, cujo pegamento é agora mais rápido e garantido, não faltando a rega; — e, na Madeira, transplantar bananeiras.

Esladroar e despontar, nos casos aconselháveis, sobretudo árvores novas.

Enxertar, de olho vivo e de flauta ou anel, a amendoeira, o pessegueiro, o castanheiro e a nogueira.

Regar as laranjeiras onde haja água disponível, e adubá-las, se ainda o não foram, ou aplicar-lhes pelo menos cal em pó ou em leite nas terras que a não possuam.

Mondar e sachar bananeiras e limpá-las das folhas secas e das flores dos cachos.—Sachar e regar abacateiros e anoneiras.

Continuar, no Douro, o ataque à lagarta da amendoeira com as caldas clordânicas, dedetânicas e as fuosilicatadas ou fluobáricas, que são eficazes e menos perigosas para o homem do que as arsenicais.

Colher e queimar as folhas encarquilhadas dos pessegueiros e outras árvores atacadas de lepra.

Prosseguir no combate aos inimigos (pragas e moléstia), das diversas árvores de fruto, empregando os vários produtos que se encontram no mercado. Mas esses produtos só devem aplicar-se depois de bem identificada a praga para o que o lavrador não encontrará qualquer dificuldade, dirigindo-se aos serviços agrónomicos do Estado.

Nas hortas

Ultimar a preparação do terreno livre com labores e adubações e a armação mais conveniente a cada espécie ou género de cultura.

Semear: — em alfobre, acelga, alcachofra, aipo, alface azeda, beringela, beterraba de salada, chicória, couves, (bróculo couvão da Póvoa, flor portuguesa e especialmente lombarda; — em lugar definitivo, abóboras, agriões, cebolinha da Madeira, cenouras, chirivia, espinafre, legumes (feijão e feijoa, cutelinho, lentilha), melão, melancia, pepinos.

Plantar: — acelga, alface, beringela, cebola, couves diversas (couvão ou da Póvoa, flor, galega, portuguesa, repolhos, coração de boi), quiabos.

Sachar, mondar e regar os canteiros anteriormente povoados, recorrendo ao nitrato ou ao cevadouro se for necessário.

Estimular os morangueiros mais atrasados, com sulfato de amónio ou nitrato e cortar os estolhos.

Capar meloeiros, melancias e tomates.

Defender do piolho, do mildio, do cinzeiro e outras pragas das hortas, com remédios agrícolas apropriados, a que já muitas vezes nos temos referido.

Nos olivais

Plantar ainda oliveiras nas zonas mais frias e frescas.

Estravar com o charrueco, a grade de discos ou a grade de molas, na falta de cultivador, e abafar a seguir com grade lisa ou rolo, se o tempo decorrer quente e seco.

Enterrar os cevalhos ou adubos verdes (cezirão, fenacho, garroba, tremoços, trevo), que ainda o não tenham sido, aplicando-lhes cal em pó ou gesso, superfosfato nas doses de 30/40/60 gramas por metro quadrado.

Eliminar os ladrões, principalmente nas tanchoeiras, quebrando-os de preferência.

Iniciar ou fazer preparativos para o combate à mosca, causadora de prejuízos avultados.

Nos jardins

Continuar o arranjo de todos os canteiros ainda devolutos, para que fiquem nesta quadra inteiramente povoados.

Semear:—abóboras e cabacinhas ornamentais, açafates, acrolínio, amaranto, assembleias, auroras, balsaminas, boas-noites, bocas-de-lobo, bons-dias, calêndulas, campainhas, canários, caracoleiros, casadinhos, cauda-de-raposa, chagas chorões, clarquias, coelhinhos, copos, cravinas, cravos diversos, cristas de galo,

flor-dos-amores, galhardia, gipsófila, girasóis, glicínias, godétia, gotas-de-sangue, heliotrópio, linho, lobélia, malmequeres, malvaiscos, mangericos, maravilhas, martinetes, melindres, moncos-de-peru, papagaios, papões, popoulas, relva, reseda, sálvia, saudades, veludinhos, verbenas, violetas, zínias.

Transplantar chagas, colocásias, cosmos, dalias, gladiolos, nardos, sécias.

Regar abundantemente, de preferência à tarde por tempo quente e seco.

Desbastar os botões das roseiras e combater-lhes o branco ou o cinzeiro com caldas sulfobáricas ou sulfocálcicas, e o piolho com um aficida eficaz.

Nas matas e nos matos

Roçar matos, havendo mão-de-obra, para continuar a produção intensiva de estrumes.

Faltando mão-de-obra poderão utilizar-se máquinas apropriadas, hoje já empregadas entre nós.

Continua a extracção da gema nos pinhais.

Limpar aceiros e arrifes.

Proceder a desbastes culturais, tendo o cuidado de retirar da mata todas as árvores secas ou doentes e lenhas secas, com vista a evitar ataques de parasitas e a diminuir o risco de incêndio.

Nos viveiros

Observar ligaduras de enxertos anteriores.—Desbarbar especialmente os de videira.

Fazer enxertos de escudo e anel.

Sachar, mondar, nitratar e desbastar as sementeiras dos meses anteriores.

Semear pevides de laranja azeda para enxertia das citráceas.—E semear também eucaliptos e outras árvores florestais, de que ainda se possam obter sementes. Concluir a repicagem de árvores florestais. Regar de preferência ao fim da tarde, por

tempo quente e seco, especialmente as sementeiras e repicagens.

Na coelheira

Preparar os últimos partos, porque os calores fatigam as fêmeas que podem esgotar-se com novas crias.

Escolher entre as crias mais desenvolvidas os futuros reprodutores, que se apresentem mais vigorosos e com as características da raça.

Castrar os caçapos aos três meses para engordarem mais facilmente e melhorarem a pelagem.

Fornecer alimentação variada em que participem fenos, ervas, rabiças, farelos e grãos.

Nos celeiros

Defender dos ratos os grãos enceleirados e a sacaria, com recurso a raticidas eficazes, dos muitos que se encontram no mercado e de segura eficácia.

Arejar e padejar os cereais se aparecer a traça ou papinha. — Ventilar.

No aviário

Seguir com os mesmos trabalhos do mês anterior, levando ao máximo a incubação e dedicando aos peruzinhos particular cuidado.

Vigiar todas as aves, novas e adultas, e defendê-las como já foi indicado, dos parasitas com pós insecticidas.

Estas aves — os peruzitos — aproveitam bem o tempo seco; a humidade prejudica-os muito e também os golpes de sol. Nas duas primeiras semanas, pelo menos, deverão manter-se em local abrigado, quente e seco. O pavimento de madeira é mau, e o de cimento frio. É preferível o de areia fina.

Quanto à alimentação, as papas, em

que participem os farelos ou sêneas, são vantajosas. Na falta de urtigões, ou para variar, usam-se outras verduras. A cebola picada, é muito recomendável. Passadas duas semanas entram os alimentos azotados — farinha de peixe, minhocas e bicharada miúda, que possa aparecer sob detritos vegetais, abandonados em sítios húmidos.

A água de bebida receberá 5 grammas de sulfato de ferro.

No apiário

No norte do País põem-se em execução os trabalhos indicados no mês anterior para as regiões do centro e sul.

Nestas regiões continuam a fazer-se inspecções periódicas, embora discretas, à marcha do trabalho das abelhas nas alças, para se determinar a oportunidade de entrarem em funcionamento os terceiros ou mesmo os quartos melários.

Como foi dito no mês anterior, convém realizar a operação da colheita toda de uma só vez e, por isso, só os apicultores que não disponham de alças sobressalentes ou aqueles que vivam em regiões onde uma primeira floração produza mel claro e as seguintes louro ou escuro, é que deverão esvasiar os melários gradualmente, à medida que forem aparecendo com os favos cheios e operculados.

Tendo-se, pois, de colocar uma terceira alça sobre qualquer colmeia, a regra a seguir é instalá-la directamente sobre o ninho, retirando a que se havia colocado anteriormente em segundo lugar e passando esta por cima de toda a pilha de caixas.

Se houver, mais tarde, necessidade de instalar ainda uma quarta alça, o que já é raro entre nós, adoptar-se-á a mesma regra, isto é, põe-se esse quarto melário imediatamente sobre o ninho da colmeia, retirando a terceira alça antes posta, que passa para o alto da pilha.

Esta manobra de colocação de alças sucessivas deve terminar logo que se aproxime o fim da colheita de néctares, o

(Continua na pág. 329)

Achegas para um plano de ordenamento rural

Por
J. PINTO MACHADO
Arquitecto

UMA política de ordenamento rural, que inegavelmente insere uma forma de desenvolvimento, consiste em encorajar a expansão de novos polos de crescimento ou mesmo o ressurgimento de antigos polos. Para o efeito, haverá que conseguir-se uma rígida com-

binação de factores, aliando o desenvolvimento agrícola ao desenvolvimento do habitat e da indústria, sempre ao nível regional. Mas para se organizar convenientemente o espaço rural, torna-se necessário equipá-lo e dotá-lo de circuitos comerciais, de meios de transporte e de armazenagem da produção e, ainda, melhorá-lo em tudo o que diga respeito à elevação das condições de vida rural em função das novas actividades.

Tudo isto implica, necessariamente, a reestruturação e a centralização de competências técnicas que ora se dispersam por inúmeros organismos, no sentido de as agrupar num único órgão central, de preferência aquele a quem competirá programar o plano de ordenamento agrário. Essas competências seriam, entre outras, o fomento habitacional dos meios rurais, a indústria transformadora, as comunicações, o equipamento social e de serviços, os chamados melhoramentos rurais (água, esgotos, electricidade e rede rodoviária secundária), o turismo de carácter rural, etc..

Para isso, seria indispensável criar-se um departamento de Bem-Estar Rural, por forma que aí se concentrassem todas as acções afins e interligadas ao Plano de Ordenamento Agrário. Aí se elaborariam todos e quaisquer projectos de desenvolvimento rural, de equipamento agrícola colectivo, de renovação do habitat, de planeamento físico e biológico rural (urbanização e ruralismo), para além das demais tarefas de ordem financeira que corresponderão a essa promoção, nomeadamente a concessão de subsídios, de empréstimos e de participações, os estudos de mercados de produção e respectivo escoamento, reduções e isenções tributárias, etc., etc..

Por outro lado, não seria descabido propor-se a formação de um Fundo Nacio-

nal de Crédito Agrícola, que promoveria a coordenação entre este Fundo e as acções desenvolvidas pelo Fundo de Melhoramentos Agrícolas, pelas Caixas Regionais de Depósitos, Crédito e Previdência, pelos Grémios e outras instituições de crédito agrícola, incluindo bancos, etc..

O Plano de Ordenamento Agrário, para além da competência que lhe cabe em ordem ao desenvolvimento agrícola, à criação do Organismo de Bem-Estar Rural e à formação do Fundo de Crédito Agrícola e Fundiário poderia englobar as seguintes outras acções:

1 — formas de comercialização modernizada, descentralizada e orientada para o exterior, por forma que se atingissem os seguintes objectivos:

a) melhoria dos meios de armazenagem e de instalações frigoríficas;

b) elaboração de esquemas de produção agro-pecuária, inclusivamente quanto à política de qualidade;

c) estímulos e subsídios a conceder às cooperativas, às sociedades agrícolas e ao crédito mútuo;

d) fundos para a Organização e a regularização dos Mercados Agrícolas;

e) criação de mercados gare-regionais e definição dos correspondentes canais de distribuição, por forma a impedir a existência de intermediários e a favorecer o escoamento fácil e pronto da produção;

f) fornecimento de elementos de estudo de mercados, quer quanto ao volume, quer quanto aos meios de comunicação, à localização óptima das indústrias, às possibilidades de recrutamento de mão-de-obra, ao estudo e informação dos circuitos comerciais, etc.;

g) estudo de localização harmónica dos matadouros municipais e de matadouros regionais.

2 — reconversão agrícola, visando, entre outras formas, as seguintes acções:

a) protecção ao parcelamento e à sucessão das explorações viáveis;

b) criação de grupos agrícolas e de formas de exploração agrícola colectiva;

c) estímulos e subvenções a conceder à descentralização industrial encaminhada para os meios rurais, já que esta acção pode debelar em grande parte o êxodo rural;

d) emparcelamento de terras, de explorações e de culturas;

e) parcelamento de grandes propriedades públicas e privadas;

f) ampliação de explorações deficientemente dimensionadas, por intermédio da anexação de propriedades ora insuficientemente viáveis;

g) facilidades de créditos para aquisição de propriedades;

h) condições de arrendamento vantajosas para a formação de explorações economicamente viáveis;

i) apoio às explorações subsidiárias de outras actividades;

j) supressão de impostos de sucessão;

k) créditos para liquidação de tornas e outros encargos aos herdeiros;

l) inventariação das necessidades de equipamento das explorações e estudos relativos ao progresso técnico da empresa agrícola e à definição da empresa agrícola familiar;

m) estímulo e ajuda técnica e financeira para a criação de Sociedades de Aproveitamento de Propriedades e de Desenvolvimento Rural;

n) aproveitamento social agrário dos grandes regadios;

o) estudos de hidráulica agrícola, em ordem ao estabelecimento de redes de rega e drenagem;

p) criação de verdadeiros centros agrícolas regionais e concelhios.

3 — acção completa e coordenada em matéria de Bem-Estar Rural, encaminhada para a planificação física e social das regiões. Entre outras acções, deveria englobar as seguintes tarefas:

a) empréstimos a longo prazo, destinados a melhorar as habitações em que

vivem certos empresários agrícolas que não sejam proprietários desses imóveis. Estes devem, no entanto, justificar serem titulares de um contrato estabelecido entre os legítimos proprietários;

b) empréstimos e subsídios destinados à habitação de rurais e de agricultores;

c) prémios pecuniários destinados a todos aqueles que pretendam beneficiar, ampliar ou construir habitações;

d) empréstimos mais amplos e a mais baixo juro destinados a colectividades, a autarquias locais, a cooperativas, a associações, a sociedades, empenhadas na reestruturação do habitat rural;

e) empréstimos a conceder para equipamento social, quando solicitados pelas colectividades, autarquias, cooperativas, associações, etc..

f) estudos e empreendimentos relativos aos melhoramentos rurais (água, electricidade, esgotos e viação rural);

g) formação de novos aglomerados populacionais em zonas desertas ou depressivas;

h) renovação das aldeias;

i) restauro e conservação do património artístico-imobiliário dos meios rurais;

j) valorização das zonas monumentais e paisagísticas;

k) formação de cooperativas de Habitat Rural e respectivos subsídios;

l) publicação de um Código de Urbanismo Rural e de um regulamento geral das Edificações Rurais;

m) fomento de programas turísticos rurais;

n) encorajamento à regressão do artesanato;

o) divulgação de meios audiovisuais nos meios rurais;

p) apoio à auto-construção.

4 — Educação agrícola e desenvolvimento comunitário, englobando:

a) reestruturação de centros de formação profissional a todos os níveis;

b) reorganização dos centros de extensão familiar rural;

c) apoio às escolas comunitárias;

d) noções de agricultura, pecuária e associativismo a introduzir nos actuais programas de escolaridade, ao nível dos meios rurais;

e) estruturação de campanhas de assistência social;

f) ajuda técnica e financeira para a construção de centros sociais, de centros de convívio, de instalações escolares, de postos sanitários, de terrenos de desporto, etc..

TRABALHOS EM MAIO

(Continuação da pág. n.º 326)

que nos é denunciado pelo morticínio dos machos.

No sul do País, já muitas vezes no final deste mês, se procede à cresta ou extracção do mel das colmeias.

É claro que esta operação só deve efectuar-se quando, pela observação directa dos favos, se tenha verificado que as abelhas não transportam mais néctares e que o mel armazenado se encontra operculado, pois, como regra quase geral, só deste modo se apresenta quando se encontra em estado de maturação recente.

Ao realizar-se esta operação é de toda a conveniência que o apicultor não se esqueça de guardar alguns quadros com favos de mel operculado para serem dados às abelhas que deles necessitem durante o Inverno.

A cera proveniente da desoperulação e a dos favos velhos deve ser convenientemente purificada quando em quantidade, para com ela se mandarem fazer novas lâminas de cera moldada para os quadros que hão-de servir na Primavera do ano seguinte.

A execução destes trabalhos não deve ser protelada, porque a «traça» pode estar minando a matéria cerosa e dum momento para o outro destruir tudo.

O Absinto:

CULTURA E USOS

Por

CARLOS H. GOMES FERREIRA
Eng. Agrônomo e Silvicultor

O absinto é uma planta que dum modo geral não é familiar, mas que em princípio nos parece dever ser experimentada entre nós, para vermos da sua possibilidade de exploração dado o elevado rendimento que julgamos poder proporcionar a quem a cultivar.

Na Europa, aparece nos lugares incul-tos e bastante áridos das regiões centrais e meridionais a altitudes medianas.

Pertence à Família das Compostas, tendo sido classificada por Linneum, como a «Artemisia absintho L.».

Em jardinagem especialmente, há alguns anos que se cultivam diferentes «artemisias» com pleno êxito, facto que é de salientar para aqueles que eventualmente se possam vir a interessar primeiramente sobre a experimentação e depois sobre a cultura da «Artemisia absintho L.».

É vivaz a raiz destas plantas, o seu caule herbáceo, atingindo alturas de 1 a 1,5 metros, e ainda que seja ramoso, termina por flores compostas dispostas em cacho. Nestas que têm tamanho pequeno,

a coloração é sobre o esverdeado. As folhas tem coloração verde prateada (com bastantes reflexos), dispõem-se alternadamente ou seja, são alternas, com pouquíssima consistência, e possuem o limbo muito recortado.

Todas as partes destas plantas têm um sabor aromático, mas bastante amargo. O cheiro que exala é muito aromático e intenso, ponto fundamental e que interessa àqueles que a aplicam.

Tem muitos e variados usos a sua aplicação e possuem aproveitamento industrial todas as partes que a compõem. Se bem que por vezes sejam as suas folhas utilizadas como condimento, não só na culinária como também e em especial em doçaria, a sua principal aplicação é na produção industrial e caseira de licores.

Nesta última o seu emprego cinge-se geralmente a receitas que o andar dos anos não deixou ainda que se tenham perdido nas Famílias que fabricam e produzem tais licores.

A indústria de preparação de licores, emprega estas plantas, fundamentalmente para a obtenção de dois licores: o «absinto» propriamente dito e o mui conhecido e hoje em dia divulgado «Wermuth».

A farmacopeia dos nossos dias ainda a emprega. Utiliza-se neste caso o absinto, em especial como estimulante, como tónico, emenogoga, como anti-ácido estomacal sendo por vezes ainda empregue também como febrifugo e até vermifugo. Mas, devemos salientar que apesar de ainda nos nossos dias a farmacopeia o utilizar, pouco se fala em farmácia em absinto, porque ele aparece nas especialidades manipuladas e portanto a maioria das pessoas nem dele se apercebem ou conhecem já o seu emprego.

O seu principal interesse é na preparação industrial dos licores acima referidos, se bem que no Norte da Europa, existam fábricas de cerveja que para a tornarem mais alcoólica ou seja com maiores possibilidades de embriagar, empregam na fabricação desta bebida partes secas de absinto especialmente as sementes, para que através do seu amargo consigam o que referimos. Além disso existem ainda tipos ou variedades de cerveja em que entram pequenas quantidades das sementes de absinto, não para atingirem a finalidade apontada, mas para que aumente o seu poder de conservação.

Países há ainda, em que é hábito e costume fabricar vinhos, com adição de sementes de absinto, não só para tornar os vinhos naturais, quando muito fracos, mais fortes e dar-lhes maiores possibilidades de conservação, como também para lhes dar maiores condições de embriaguez.

O licor de absinto, é muito característico pelo seu sabor e cheiro. Obtém-se aromatizando o xarope de açúcar que vai dar origem ao licor, ou então realizando primeiramente as infusões de álcool ou aguardente à qual se junta o xarope que permite a produção desta bebida alcoólica. Contudo, julgamos que este último sistema é aquele que a indústria mais utiliza, porque se sabe que só desta maneira é que se consegue dissolver os óleos voláteis bem ainda as substâncias e princípios resinosos que existem no absinto. Mas,

após estas substâncias estarem dissolvidas e portanto recuperadas no álcool ou nas aguardentes há que aromatizar esses extractos com essências de aniz, essência de funcho e água de rosas, para que esta última proporcione a macieza que o absinto não tem nem tão-pouco pode dar aos licores.

Quando o licor de absinto aparece verde, esta coloração obtém-se com açafraão.

Há quem use este licor, com duas finalidades, a saber: estimulante do apetite e como digestivo, mas para qualquer destas finalidades a bebida é sempre tomada como aperitivo ou seja antes das refeições.

Contudo, o uso e abuso continuado desta bebida, além de ser fatal para a digestão é muito perigoso porque destrói todas as condições intelectuais. É que o seu uso contínuo e em demasia, além de embriagar consegue que o estômago fique sem qualquer condição de assimilação e de digestibilidade, deixando portanto só actuar as resinas e essências tóxicas que a planta possui.

A preparação industrial dos Wermouth é segredo de marca e por isso pouco ou nada se conhece além de que para se obterem há que utilizar algumas das partes do absinto.

Comercialmente, como todos sabem, aparecem fundamentalmente umas três ou quatro marcas destes aperitivos. Mas somente duas delas de nomes estrangeiros, se bem que em fabricação nacional, apresentam os wermouths em três tipos a saber: branco e tinto e nestes em especial o seco e o doce.

A cultura da planta de Artemisia absintho, não reclama geralmente cuidados especiais dada a rusticidade que apresenta.

A sua multiplicação pode ser feita por três maneiras a saber: por sementeira directa, quando as sementes desta planta se encontram já completamente maduras; por estacas, apanhadas nas partes da planta mais atempadas, para que tenham uma certa consistência; e por último por divisão da toija.

Claro está que dada a sua rusticidade, acontece que a maioria das plantas exis-

(Continua na pág. nº. 334)

COOPERAÇÃO, ASSOCIAÇÃO

— CAMINHOS A SEGUIR

TAMBÉM em Portugal, a criação das cooperativas resultou de uma necessidade premente, que os homens sentiram de se libertarem das crises económicas, das acções maquiavélicas dos intermediários e do comércio pouco escrupuloso, não omitindo a falta de mão-de-obra.

Nomeadamente, a exploração modesta não desfruta de uma posição vantajosa, de modo a poder acompanhar o tão almejado progresso técnico. Uma grande percentagem da massa rural, não é instruída, não é esclarecida, vive num mundo obscuro, a ponto de não poder discernir acerca da vantagem de um processo inovador, económico e rendável, sobre outro, já ultrapassado e anti-económico. É indispensável, que os rurais possam dispor de janelas para o mundo, por um lado, a imprensa: jornais, periódicos agrícolas; por outro: rádio e televisão.

Se a agricultura média e de poucos recursos, não tem possibilidade de vencer a rotina — ferrugem da mente, de se apropriar dos meios materiais, julgados indispensáveis à remuneração justa do trabalho, à elevação do nível de vida; se o pequeno empresário não pode resistir aos

Por
H. BONIFÁCIO DA SILVA
Engenheiro Agrónomo

embates da «legião de parasitas», à variação constante dos factores climáticos e suportar a instabilidade dos preços dos mercados, só tem um caminho a percorrer: aquele que o conduz à cooperação, à associação, à união, porque a união constitui uma força indómita, capaz de vencer barreiras quase intransponíveis, mas serão inaptos os seus esforços individuais, sossobrando na luta contra as resistências mais suaves. A sua capacidade de sobrevivência é diminuta, quando actuam isoladamente.

A lei que criou as cooperativas em Portugal data de 2 de Julho de 1867! Define-as, «como associações de número ilimitado de membros de capital indeterminado e variável, instituídas com o fim de mutuamente auxiliarem os sócios no desenvolvimento da sua indústria, do seu crédito e da sua economia doméstica».

Portanto, há mais de um século, que

se instituiu aquela lei! Qual o resultado, após tantos anos volvidos?! E' necessário tanto tempo para sairmos desta letargia, que nos tem adormecido?! O nosso espírito individualista, a falta de instrução, de meios, de protecçionismo, são alguns dos factores a emperrar a máquina humana. Estamos continuamente à espera, que as autoridades nos valham nas aflições! Tem de haver uma modificação no espírito das gentes, não nos podemos situar e viver nesta posição cómoda de há um século. Somos nós unicamente, que nos temos de encorajar, temos de ter iniciativa autêntica, arrojada e irresistível. Agricultores, unamo-nos, se quisermos adquirir algo de positivo, se pretendermos vencer as dificuldades quotidianas. Depois as iniciativas tomadas, depois de nos rodearmos de homens de bom senso, equilibrados e dispostos a trabalharem pelo interesse da comunidade, recorra-se então ao Estado, a fim de sermos orientados, assistidos, auxiliados pelo crédito a longo prazo e esclarecidos pela técnica.

O Prof. Marcelo Caetano, afirmou recentemente:

«O desenvolvimento de um povo não depende só de um homem, tem de resultar do esforço de todos. Se cada um se limitar a esperar que o Governo traga remédio aos seus males, ou satisfaça os seus anseios, mal iremos. O Governo pode estimular, promover e facilitar a acção dos indivíduos, mas o progresso da colectividade tem de ser obra da iniciativa do trabalho e da colaboração de cada um».

Para que o desenvolvimento cooperativo possa tomar grande incremento, não constituindo apenas uma ténue esperança das gerações futuras, mas sim uma realidade frutificante dos nossos dias, é indispensável que haja verdadeiro espírito de fraternidade, espírito de solidariedade. A cooperativa não pode ser um amontoado de capitais, é sobretudo uma representação de homens honestos e solidários, atraídos pela mesma causa, prontos a satisfazerem não só os seus anseios económicos, mas também os sociais, morais e intelectuais. A disciplina no seio da comu-

nidade, é uma condição de êxito; a ordem, o civismo, tão arredo dos espíritos de hoje; a compenetração dos deveres inerentes dos associados em prol do bem-estar comum, são os princípios basilares, em que têm de assentar toda a estrutura cooperativa.

Os requisitos constituintes da principal riqueza da cooperação, resumem-se nos seguintes: «desinteresse, solidariedade, camaradagem, preocupação do trabalho bem feito, consciência profissional, probidade, respeito pelos compromissos tomados no sentido do interesse geral».

A verdadeira finalidade das cooperativas é «tornar, como disse Fauquet, os homens responsáveis e solidários, para que cada um deles se eleve a uma plena vida pessoal, e todos em conjunto a uma plena vida social».

Ocorre-nos neste momento aquela bela parábola, repassada de moral, em que o ancião presentindo a morte exigiu a presença dos seus filhos; depois de lhes provar que eram incapazes de quebrar um feixe de vimes sem os separar, aconselhando-os a permanecerem reunidos como aquelas varas, que não se partiam isoladamente. O pai, homem experimentado, pediu-lhes que se lembrassem do molho de vimes, porque assim haviam de triunfar na vida. Caso contrário, o seu futuro correria sérios riscos, como realmente viria a suceder, pois bem depressa sosso-braram, por não terem atendido às últimas instâncias do pai.

A mão-de-obra nos campos é cada vez mais escassa, porque vai para as cidades, para outros países, atraída por uma vida mais aliciante. Como consequência desse afluxo para outras actividades, os salários subiram extraordinariamente, mantendo-se tão elevados, que nos causam admiração, como a agricultura consegue ainda, sobreviver às conjunturas do presente!...

Há terras que não se cultivam, ou se cultivam mal. E, como consequência destes acontecimentos, os agricultores vêem-se obrigados a desfazerem-se dos produtos por qualquer preço, muitas vezes sem lucro, ou somente com pequena margem, insuficiente para fazer face à responsabilidade do proprietário legado pelos seus ascendentes, a sua manutenção e a dos seus familiares. Quando não perdem, já o

seu íntimo se alaga em satisfação, tal é agrura da vida dos campos!

As possoas que se ocupam noutras tarefas, alheios à vida rural, ignorando os problemas que se enfrentam, não têm na devida conta o valor dessa profissão, os sacrifícios que essa boa gente suporta! Os consumidores são insensíveis ao árduo labor do cultivo das terras, ignoram certamente, ou esquecem-se com certeza, dos inúmeros riscos a que esses homens estão sujeitos. Lutam incessantemente contra as condições adversas do meio, para arrancarem os produtos à terra, por vezes heróicamente.

Devido à sua fraca capacidade económica, esses produtos saem das suas mãos a preços reduzidos, mas no caminho percorrido, desde a produção até ao consumidor, atingem quase sempre preços exorbitantes!

«A Agricultura contribui para a alimentação dos homens. É fonte de uma grande actividade humana. Causa espanto, como é tão mal remunerada, é inconcebível que o trabalho da terra seja recompensado de maneira tão incrível! Temos de agir para que o camponês deixe de se considerar membro de uma categoria inferior, abandonada a uma sorte pouco invejável por uma colectividade frívola e egoísta». Os habitantes das cidades pensam, que os camponeses têm o dever de vender os seus produtos a um baixo preço!

Ainda há poucos dias, certa pessoa passando junto de um laranjal no seu magnífico automóvel e avistando a dona da propriedade, pediu-lhe para lhe vender um quarteirão de laranjas por 3\$50! A proprietária indignada com tal proposta, respondeu-lhe: prefiro deixá-las apodrecer. Este é um dos numerosos exemplos, que nos mostram bem a frivolidade e o egoísmo das pessoas, pensando que os produtos agrícolas têm de ser vendidos a preços ridículos. Não querem compreender a vida complexa da ruralidade. Daqui resultam decepções, que causam mal-estar.

«Uma saraivada, um nevão muito serôdio podem destruir uma colheita de frutos. Um Verão muito seco será fatal para o gado: Um proprietário, trabalhador inteligente pode ficar arruinado sem ter cometido uma única falta. Mas à hostilidade da

natureza acrescenta-se a dos homens» (A. Maurois)!

A falta de segurança, que resulta das variações climáticas não são compreendidas pelos cidadãos. H. Pourat, exprime-se em frases bem significativas sobre a agricultura: «Deixar-se-á acreditar a alguns cidadãos que seja um desporto... É o trabalho extenuante e muitíssimas vezes o esforço que é preciso fornecer ainda, após a calamidade que vos tira a coragem: a geada que destrói numa noite a esperança dum ano, ou a nuvem acobreada do granizo que esmaga num golpe a seara com o seu cascalho de gelo. Na noite em que a chuva inunda as lavras, a gente sente-se por tal forma abandonada, enterrada sob esta fadiga, que se torna insensível a tudo».

Portanto, só há um caminho a seguir, como anteriormente afirmamos: a união, a associação por grupos. Os agricultores associados constituem um elo forte, difícil de quebrar, tendo assim mais garantias de resistência financeira, suportando melhor as oscilações dos preços, libertando-se da tutela dos oportunistas, que em regra exploram as suas fraquezas.

O ABSINTO: CULTURA E USOS

(Continuação da pág. 331)

tentes nos países em que geralmente aparece, até uma certa altura se fazia por sementeira natural, mas hoje em dia dada a exploração comercial a que estas plantas estão sujeitas, é através da divisão das toijas que mais se propagam estas plantas de absinto.

Quando não haja pés-mães, claro está que terá de se proceder à multiplicação por sementeira, uma vez que é mais fácil transportar em boas condições as sementes do que propriamente as estacas ou então as toijas.

Qualquer destes sistemas de propagação deve ser realizado durante os meses de Março e de Outubro ou seja nas épocas de Primavera e na de Outono.

Não são precisos cuidados especiais para se explorar estas culturas, porque as plantas em causa não requerem grandes cuidados. Um absintal costuma durar muitos, mas muitos anos.

A propósito de uma visita ao «Parque Nacional da Peneda e Gerês»

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES
Engenheiro Silvicultor

INFELIZMENTE, por razões de vária ordem, nem sempre é possível, como por razões óbvias devia ser fácil, levar os Alunos ao contacto com as realidades profissionais, ou com aquelas outras que possam estar relacionadas com as matérias apresentadas nas aulas teóricas.

A tal situação, particularmente grave no caso dos cursos técnicos, vêm alguns Professores e Alunos reagindo, sem que, contudo, se divisem modificações próximas que permitam resolver o problema e acabar assim com os inconvenientes dessa situação actual.

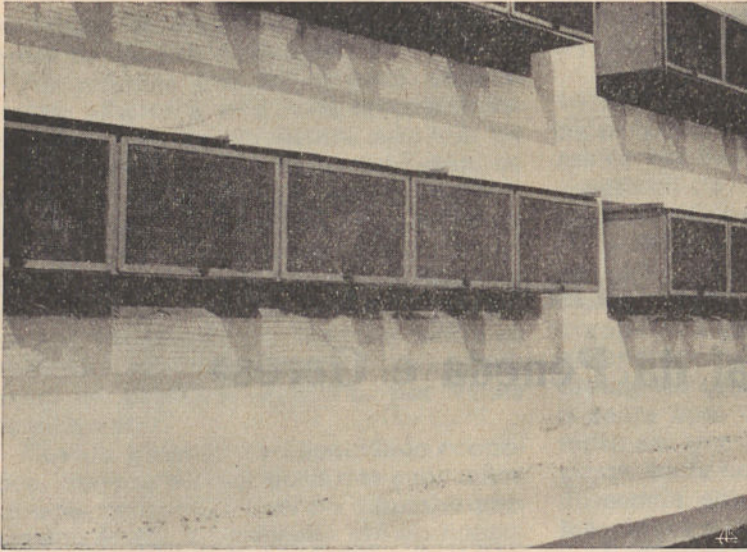
Mas lá de vez em quando, como produto de circunstâncias diferentes, entre as quais avulta a disposição do Professor responsável no sentido de lutar por conseguir as condições materiais necessárias, sempre é possível realizar uma excursão, ou visita de estudo, procurando-se então, na esporádica oportunidade, corrigir até certos limites essa grave deficiência do ensino tirando dela o maior partido.

A resposta dos Alunos, no sentido do

aproveitamento e da conduta, é sempre a melhor, nem outra era de admitir já perante a satisfação de uma das suas reivindicações, já perante o prazer de se poderem apreciar directamente as realidades profissionais que em princípio desejam vir a viver, de acordo com a razão de ser da escolha do curso anteriormente feito.

A visita ao «Parque Nacional da Peneda e Gerês» beneficiou em primeiro lugar da preciosa colaboração dos Serviços Florestais, sem a qual em princípio não teria sido possível, e decorreu da melhor forma, sob todos os aspectos, graças ainda, em grande parte, à forma como prestaram essa colaboração os seus representantes regionais.

Os Alunos manifestaram o maior interesse e o mais sincero entusiasmo por tudo quanto lhes foi dado apreciar em relação ao exemplo do meio natural, embora um tanto particular, onde poderão amanhã como profissionais vir a exercer a sua actividade.



Gaiolas com perdizes no posto da Gafanha

São estes os aspectos gerais, de ordem pedagógica, que merecem ser realçados como introdução a quanto vai seguir-se.

. . .

Para além da visita do «Parque Nacional da Peneda e Gerês», aproveitando a oportunidade, no programa foram incluídas umas rápidas visitas a um posto de criação de perdizes na Gafanha (Aveiro), à Pateira de Fermentelos e ainda a alguns pontos do rio Caima, incluindo aquele onde está instalada a fábrica de pasta para papel.

Sendo os Alunos em excursão alunos do curso de Aquicultura e Cinegética, tais complementos do programa não só vinham inteiramente a propósito mas também permitiam preencher algumas lacunas do ensino teórico respectivo.

Apreciado quanto na altura naquele posto era possível observar depois,

zida pelo seu efluente, efeitos ali ainda bem visíveis, quer pela cor anegrada do leito e margens do rio, quer pela espuma arrastada pela corrente.

Junto da instalação fabril, em presença da fonte poluidora, o espectáculo tomou não só proporções mais eloquentes, como foi possível ao Eng. Peixoto Correia com-

em frente da Pateira de Fermentelos, o Engenheiro Peixoto Correia, da Estação Aquícola do Rio Ave, fez uma rápida síntese dos problemas aquícolas ligados à sua exploração; e não é sem certa preocupação que se pensa no futuro daquele raro exemplo de «águas interiores», único em Portugal e que, por essa mesma razão, perante os graves problemas que nele existem devia merecer uma atenção especial da parte das entidades competentes.



Uma vista da Serra do Gerês do Malhadouro para nordeste; no primeiro plano um sobreiro

pletar a exposição iniciada na primeira paragem à beira do Caima, com a exemplificação ali representada por um caso espectacular da poluição dos cursos de água.

A oportunidade foi assim muito bem aproveitada, para o que muito contribuiu a competência daquele técnico em tal matéria, posta à disposição dos Alunos no sentido da sua mais completa elucidação sobre um tão grave problema.

No dia seguinte, no Gerês, de manhã subiu-se à Pedra Bela e dali seguiu-se até ao Malhadouro, onde, mais uma vez, se chamou a atenção para o interesse fitogeográfico da mancha de sobreiral dominante naquela região, encosta abaixo.

Não deixou de impressionar, ao longo do caminho, a intensidade de ataque da Procecionária nos povoamentos de Pinheiro silvestre, de origem artificial, para a qual foi também naturalmente chamada a atenção.

Mas perante a imponência da montanha, num dos seus aspectos mais impressionantes, realçados por um Sol radioso, numa daquelas manhãs vivificadoras, certamente que foi a sua majestade quanto mais impressionou e entusiasmou todos aqueles jovens futuros «Gigantes da montanha», como no meu «livro de curso» foram designados os Engenheiros Silvicultores.

De tarde, depois de uma paragem rápida pelos tanques de criação das trutas de Albergaria, a maior parte do tempo foi dedicado à visita a Vilarinho da Furna e às obras da barragem que está a ser construída abaixo desta povoação, no vale do Homem.

Claro que à passagem pelos pontos onde mais abundam ainda os Carvalhos, restos de maior grandeza da vegetação natural, mas ainda bem dignos de apreciação e de protecção, foi justificada a propósito a criação do «Parque Nacional»,



Ponte romana sobre o rio Homem, a caminho de Vilarinho da Furna, que também ficará submersa

cujo primeiro objectivo é exactamente garantir essa protecção.

O caso de Vilarinho da Furna prestou-se não só para mostrar como vivem ainda muitos portugueses, nomeadamente naquelas longínquas e reconditas serranias, mas também para chamar a atenção para o problema da incompatibilidade, muitas vezes verificada, entre os interesses económicos que determinam a necessidade da construção de barragens e os culturais, neste caso mais de ordem etnográfica, que procuram evitar as consequências, por vezes calamitosas, das suas consequências.

Tal povoação, um dos raros e mais valiosos exemplos do «regime comunitário», irá em breve, ainda durante o ano corrente, ficar muitos metros debaixo de água, e por isso na altura em que a visitamos já muitos dos seus habitantes a tinham abandonado, dando-lhe um aspecto de ruína, a agravar a humildade própria, embora característica e cheia de interesse para a Geografia humana.

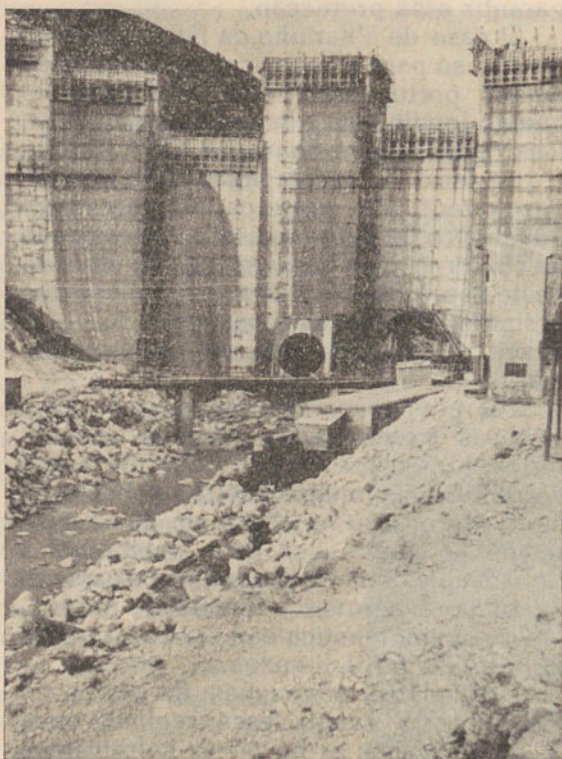
Das quatro povoações da Serra do Gerês onde existia esse regime, uma, Vilar da Veiga, já há muito sofreu igual destino como resultado da construção da barragem da Caniçada; S. João do Campo, embora ainda livre de uma tal calamidade,

certamente não resistirá à influência do movimento que vai à sua volta na azáfama consequente da barragem próxima do Homem.

Resta Covide, a qual, ainda sofrendo essa influência, embora mais longínqua e indirectamente, também, por essas e outras razões de ordem mais geral, não resistirá durante muito tempo.

De resto a fuga para França, também ali fortemente assinalada, tanto pelo bem como pelo mal que dela resultam, já vinha a pouco e pouco minando os espíritos e assim as instituições dele resultantes.

É certo que não seria justo querer obrigar essas povoações a manterem o seu viver tradicional, se estas não lhes permitisse a sua progressiva promoção social e económica; mas daí até ao exterminio, vai uma grande diferença, em relação a quanto podia ser feito para preservar hábitos e costumes de um interesse excepcional, sem contudo as privar dos benefícios dessa promoção.



Um aspecto da construção da barragem do Homem e deste rio que, poluído ainda corre livremente

Percorridas algumas das suas ruas desoladas, ouvidos alguns dos seus últimos e raros habitantes, seguimos para as obras da barragem, onde nos surpreendeu não só a sua grandiosidade como os recursos de maquinaria de que dispõem aqueles que estão encarregados da sua execução.

E não só isso, mas também a liberdade inevitável e consequente de escavar, onde mais convenha, as áreas naturais a submeter, embora de formas variadas, aos interesses da obra em curso.

A chaga aberta na encosta de onde provém a pedra necessária, quando apanhada na visão panorâmica, é só por si uma mancha de tal vulto que tudo à sua volta perde a rara beleza própria para se transformar numa paisagem degradada, inóspita e triste.

O Homem, perto de Vilarinho da Furna, ainda límpido e sussurrante, dali para baixo, poluído pelos materiais da própria obra, mais parecia um esgoto do que um rio ainda de tão rara beleza alguns metros antes.

Recolhemos ao Gerês, tão fatigados como emocionados; de tudo quanto em tão pouco tempo se tinha visto terá ficado em cada uma recordação diferente, mas certamente que a todos não foi estranha não só a beleza e imponência da montanha como o contraste da perspectiva de transformação que a presença humana, representada pela barragem, está ali provocando.

No dia seguinte, atravessado e ultrapassado o perímetro florestal da Bulhosa, que fica a poente de Arcos de Valdevez, visitamos em Paredes de Coura a primeira Trucultura particular em funcionamento, onde fomos recebidos pelos seus proprietários, um dos quais Engenheiro Silvicultor.

A oportunidade teve o maior interesse, já por dar uma ideia objectiva de uma das finalidades principais da Aquicultura, já pelas informações que a seu propósito foram fornecidas por esse técnico, Colega António Castro.

Saboreadas ao almoço trutas dessa origem, seguiu-se para a Serra da Peneda, a caminho do Suajo, de passagem para o Lindoso na chamada Serra Amarela.

Voltamos assim à área abrangida pelo Parque Nacional.

A facilidade com que se atingiu essa primeira povoação não pode deixar de me surpreender, contrastando com o esforço dispendido há mais de 30 anos para a alcançar, atravessando a Serra de Tibo, a partir do Santuário da Senhora da Peneda.

O Suajo de então, recolhido e arrogante, fechado na sua modéstia e nos seus hábitos ancestrais, de população orgulhosa e independente, pouco acolhedora, apareceu-nos com uma feição nova, bem diferente desse passado ainda tão próximo.

Atravessado o Lima, numa ponte que também há 30 anos não existia, mas sim uma outra, pênsil, de uma fragilidade impressionante, pendurada sobre o abismo e só para peões, seguimos até ao Lindoso, e dali à fronteira.

A surpresa para os Alunos foi total, pois nenhum ali havia estado até então; para mim, que o visitara dois anos antes, o contraste com o passado já o tinha sentido, sensação mais viva depois do encantamento que a paisagem, nomeadamente para os lados de norte e nordeste, sempre me provoca.

Além do relevo, do colorido, da beleza rara que os liga, há ainda, a completar o conjunto, em certos ângulos, a presença do castelo dionisiaco e dos espigueiros, cujo enquadramento se harmoniza da melhor forma no conjunto, apesar de se tratar de uma presença de origem humana.

Pena é que tenha sido autorizada a construção de uma casa, sem qualquer aspecto típico, já dentro da zona onde apenas deviam existir esses espigueiros; talvez a alteração mais grave de quantos ao longo do tempo, e são bastantes, ali têm sido introduzidas, quer pelos Serviços Florestais, arborizando o baldio, quer pela população, modificando o estilo das suas casas, quer pela instalação de um posto da TV com a estrada e antena próprias.



Um aspecto dos tanques da Truticultura de Paredes de Coura

Mas apesar de tudo o Lindoso ainda é um recanto de Portugal de uma beleza invulgar, como resultado dessa conjugação excepcionalmente harmónica de elementos de natureza diferente, natural e humana, na paisagem local.

Todos o reconhecemos entusiasticamente.

O regresso fez-se ao cair da tarde, ao longo de um crepúsculo extraordinariamente demorado e belo, dando ainda aso a que se vissem, já perto de Arcos de Valdevez, as construções feitas no Lima para a pesca da lampreia.

E como nota final recordo que durante toda a excursão foi possível beneficiar das facilidades das comunicações rádio-telefónicas e apreciar o seu grande valor na luta contra os fogos florestais.

No dia seguinte regressamos a Lisboa, não sem termos parado em Conimbriga, cuja visita, de passagem, a maioria dos Alunos manifestou desejo de fazer.

* * *

O problema principal que uma tal viagem me suscitou foi a transformação a que a criação do Parque Nacional vai obrigar, não só na orientação dos Serviços Florestais como no viver das populações. A tarefa é grandiosa e difícil, mas urgente; e pena foi que se tivesse perdido

tanto tempo, e com ele algumas raridades de valor incalculável.

É a altura de lembrar quanto de há 30 anos para cá, nomeadamente nos últimos 20, se defendeu para o evitar; situação ingrata é certo, pela imodéstia que lhe pode ser atribuída, mas justa.

Se o «Parque Nacional do Gerês» tivesse sido de facto organizado, ainda que nos moldes propostos quando da «Primeira Reunião Botânica Peninsular» (1948), muito se podia ter evitado, talvez até mesmo o desaparecimento de Vilarinho da Furna.

Mas quando me dirigi à Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos e me informei do que se iria passar com a barragem do Homem, mal tive conhecimento de uma tal ameaça, já cheguei demasiado tarde; nada conseguiria travar a evolução dos planos, estudo e a sua execução, mormente a argumentação de um só.

Consegui, sim, a certa altura sustentar uma projectada arborização com que se pretendia envolver a Serra do Gerês e assim reduzir-lhe cada vez mais o seu facies natural, de tão grande interesse científico, a defender a todo o transe.

A construção da barragem da Caniçada, cujas consequências foram semelhantes às que vão resultar com a do Homem, ou mais graves ainda pela sua maior extensão, talvez também não pudesse ter sido evitada, no entanto talvez

que uma outra solução tivesse surgido perante uma apreciação dos problemas da Protecção da Natureza, representada pelo Parque Nacional, consequentes da sua construção.

No entanto se este Parque existisse na altura em que foi feito o projecto de tal barragem, a situação na altura seria outra.

Agora é tarde para censuras e lamentações, mas já não é tarde para emendar quanto ainda é susceptível de emenda e de se criar para futuro uma mentalidade nova, e com ela uma orientação diferente, para que não se repitam tão grandes e graves erros.

Desta forma a organização definitiva e completa do «Parque Nacional da Peneda e Gerês» não pode nem demorar mais nem passar de um simples diploma oficial; é indispensável que além deste se criem imediatamente, após a sua publicação, as condições fundamentais para que possa vir a tornar-se uma realidade completa em todos os aspectos que envolve.

O esforço e raro entusiasmo do Colega Lagrifa Mendes que ultimamente tanto se tem dedicado a levar essa iniciativa até ao fim, bem merecem tal recompensa, e como ela a satisfação de todos que se interessam pela mesma.

Ao lado da Silvicultura que realizou tão notável obra na arborização dos baldios deverá surgir uma outra, inspirada em princípios diferentes, embora afins, para não se perderem os benefícios de todos os progressos científicos e técnicos em que baseia a actividade profissional dos Engenheiros Silvicultores.

Uma coisa é arborização de áreas cuja degradação e natureza não permite um outro qualquer aproveitamento económico, outra coisa é preservar e defender áreas onde ainda existem restos apreciáveis da flora e fauna florestais espontâneas, e tirar delas o maior partido científico, técnico e turístico.

Em Portugal, quer me-



A Serra da Peneda vista do Lindoso.

Mecanização Agrícola

O 41.º Salão

Internacional da Máquina Agrícola (Sima)

TEVE lugar de 10 a 15 de Março passado, em Paris, o 41.º Salão Internacional da Máquina Agrícola, no qual estiveram expostos os últimos modelos de maquinaria agrícola, tais como tractores, motocultivadores, ceifeiras-debulhadoras, enxadas-mecânicas e materiais para trabalhos de sementeira, fitossanidade, instalações de gado, etc..

A superfície ocupada foi de 130 000 m², sendo o número de expositores de 1274 (743 franceses, 342 dos países da C.E.E. e

tropolitano quer ultramarino, são muitas as oportunidades que ainda existem para ambas oferecerem ao País os benefícios consequentes da sua actividade; o que será indispensável é a existência de uma orgânica oficial que o permita, harmonizando interesses comuns, organizando serviços próprios e distribuindo as responsabilidades consequentes àqueles a quem elas deverão caber de acordo com essa orgânica.

Para tanto, mais uma vez se repete, e desta maneira se termina, é fundamental reorganizar tanto o Ensino Superior Florestal como os Serviços Oficiais a que se destinam a maior parte dos diplomados com o curso respectivo.

Fotografias do Autor

189 de outros países). O número de visitantes, no Salão de 1969, foi de 652 000, não estando ainda apurado o número dos deste ano.

Efectuaram-se durante o período de funcionamento do Salão jornadas internacionais de estudos e de informação, que incidiram sobre os temas seguintes:

1) — O Homem, a Máquina e o Trabalho (9 de Março)

de que foi apresentante convidado o Sr. Hans-Herbert LOHDE, responsável pelo ensino geral e pelo programa de estudos para todas as DEULA-SCHULEN, na Alemanha Federal. Com a participação de representantes de diversos organismos e empresas agrícolas, teve lugar um debate que foi dirigido por Sr. P. MAURON, Chefe do Serviço do Ensino do Ministério da Agricultura.

2) — A Manutenção das Forragens (11 de Março)

de que também foi apresentante convidado o Sr. C. CULPIN, Conselheiro-Chefe da Maquinaria Agrícola do Serviço Nacional de Documentação Agrícola do Ministério da Agricultura — Bedford — Grã-Bretanha.

Com a participação de entidades ligadas ao sector agrícola, realizou-se um debate que teve a dirigi-lo o Sr. REBISCHUNG, Director do Serviço de Experimentação e Informação do Instituto Nacional de Investigação Agronómica.

Dentro da perspectiva internacional, a importância da indústria francesa de maquinaria agrícola, apresenta bastante interesse.

Assim, o valor da produção, naquele sector, atingiu os 14,5 milhões de contos; as exportações elevaram-se a 4,2 milhões de contos.

A venda de motocultivadores e de enxadas-mecânicas progrediu de forma espectacular, atingindo mais de 39% do que no ano anterior.

O programa tecnológico do Salão ofereceu uma ideia clara das opções e orientações da maquinaria agrícola mundial.

J.L.P.G.

A TÉCNICA AGRÍCOLA E A SUA EXPANSÃO

Por J. COSTA ROSA
Regente Agrícola

NUNCA me foi possível aceitar de boa mente a teoria da *ciência pura*, a ciência pela ciência, aquela que existe *só para si mesma*, sem qualquer projecção prática e o mais imediata possível no campo das aplicações para benefício rápido — tanto quanto ele possa ser — da humanidade, que deveria sempre ser o alvo final de tudo quanto se faz ou se deixa de fazer.

Criar ciência — é óptimo, é excelente, mas é preciso que essa ciência *accione* as técnicas que de si derivam e não se enconche nas torres-de-marfim dum saber que para mais nada sirva do que para sòmente existir.

A humanidade, que dia a dia se de-frota, e cada vez mais trágicamente, com problemas cruciais de todas as ordens emaranhados uns nos outros, precisa, para subsistir, que a ciência que cria seja aplicada em seu benefício; precisa que as técnicas desenvolvidas pela aplicação dos princípios científicos elaborados sejam postas o mais possível ao seu alcance, para lhe transformarem a vida também o mais possível suave, abundante e feliz.

Saber por saber — não chega para matar a fome aos subalimentados que são milhões, para vestir outros milhões de andrajosos, para agasalhar os incontáveis friorentos, para calçar os milhões e mais milhões de pés descalços que sangram nos ínvios caminhos e carreiros desta terra tantas vezes de areais escaldantes ou de pedregosas serranias e montanhas de rochas duras, anfractuosas e cortantes.

Foram mais ou menos estas, e outras ideias semelhantes, as que me ocorreram quando acabei de ler o artigo dum jornalista inglês que visitou recentemente, nas regiões agora convulsas da antiga Indochina, os territórios do Laos, tão em foco actualmente nas crónicas da guerra devastadora que assola há vários anos as gentes e as terras daquela área exótica.

O jornalista inglês foi ali encontrar um grupo de três agrónomos israelitas cuja missão tem sido a de conduzirem a uma aprendizagem rural rápida e segura os pobres camponeses do vale do Rio Mekong, que no seu final vem desaguar no mar, em terras baixas e pantanosas,

no Vietnam do Sul, tão falado nas crônicas internacionais.

A formação do Estado de Israel, há pouco mais de 20 anos, fez reunir naquele seu território judeus das mais diversas proveniências, dos que há 2000 anos se encontravam no exílio (a Diáspora) a juntarem-se aos que, melhor ou pior, foram conseguindo viver na terra de seus maiores. E essa tão prolongada dispersão fez com que muitíssimos dos hebreus agora congregados em Israel (por si e pelos seus antecessores) tenham adquirido modos de ser e de pensar que muito devem aos ambientes diferentes em que se criaram e viveram, impregnando-se das *civilizações* entre as quais decorreu a sua vida e a dos seus, não obstante a firmeza inalterável do seu substrato hebraico.

Lembremo-nos, por exemplo, e bastará para uma ideia clara do caso, que, agora reunidos no mesmo país e no seu respectivo governo, o primeiro-ministro de Israel, Senhora Goldá Meir, é de origem norte-americana; e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Aba Eban, é de origem russa...

Mas o elo hebraico inquebrantável acabou por ligá-los no mesmo lugar e no mesmo espírito, pese embora às diferenças geográficas tão pronunciadas em que ambos nasceram e se criaram.

Ora desta dispersão por tão diferentes regiões do globo durante dois milénios resultou que os hebreus agora regressados à sua Terra da Promissão ficaram a possuir, em maior ou menor grau, as *técnicas* (mais ou menos avançadas) das regiões por onde andaram, eles ou os seus antepassados, o que lhes tem permitido, pela sua aplicação criteriosa, obterem resultados tão extraordinários, em vários campos do saber e da sua aplicação prática, que na verdade causam o espanto do mundo inteiro.

No campo da Agronomia e da agricultura aplicada os seus sucessos, como é notório, tocam as raias do maravilhoso!

A transformação dos desertos da Judeia em pomares aprimorados e em terras de pastoreio, em olivais e em florestas, fecundadas pelas águas que uma *ciência* de pesquisas vai encontrar onde menos se esperaria e uma *técnica* de condução e aproveitamento leva até onde o *milagre*

da produção vai ter lugar tenazmente conquistado, essas transformações que espantam o mundo são, afinal, o resultado do caldeamento das ciências aprendidas pelos hebreus aqui e ali e das técnicas que ficaram a conhecer nos seus países da Diáspora e que trouxeram consigo quando regressaram à terra que lhes foi restituída e vieram enriquecer de modo absolutamente espantoso.

E do que sabem fazer na sua própria terra ainda criam focos de realização pelo mundo além; neste momento a América Latina está a beneficiar dessa ajuda preciosa e (segundo o artigo do jornalista inglês a que ao princípio aludi) é agora também a vez do longínquo reino cochinchinês do Laos, na Ásia distante e amarela.

Esse citado grupo de três agrónomos hebreus constituiu uma granja-piloto no vale do Rio Mekong por encargo da FAO, composta por 10 hectares de campos experimentais e 300 hectares de campos chamados *de demonstração*, dos resultados dos quais fazem a mais firme propaganda (pelo facto) junto dos camponeses laocianos, às centenas.

Um desses agrónomos viveu e trabalhou durante muitos anos no Egipto e no Nepal e estudou agronomia em Paris. Adquiriu assim um cabedal de experiência que lhe serve agora de apoio aos seus êxitos.

E estes êxitos são de tal modo que os próprios camponeses beneficiados não encaram de bom grado a ideia de que os agrónomos hebreus algum dia terão de deixar o local, pedindo a sua continuação ali como seus orientadores, na prestação duma ajuda agrária que um dia virá culminar numa situação de entreajuda, *apesar de não haver cedências gratuitas* nem de sementes, nem de adubos nem do trabalho de máquinas. Tudo isso é pago pelos agricultores com os produtos das suas colheitas — as quais, todavia, e mercê da acção daqueles agrónomos, crescem de tal modo, que compensam largamente as despesas feitas com essas aquisições: um crescimento que não raro atinge a alta cifra de *10 vezes mais* do que o rendimento dos métodos de cultivo do comum do agricultor laociano...

Na cultura do arroz não é tão especta-

cular esse crescimento; *mas ele torna-se vulgar, por exemplo, na cultura hortícola*, embora nos arrozais se notem acréscimos de alta importância, de que dará ideia à seguinte transcrição que faço, tanto mais que ela se refere directamente a variedades de que já aqui tratei em artigos anteriores.

É a seguinte a transcrição.

«*Algumas das variedades de arroz que os israelitas puseram à prova na granja, que incluem as «milagrosas» I R-8 e I R-5, trazidas das Filipinas, rendem o dobro ou até o triplo da média que se obtém com variedades locais. Só isto poderia revolucionar o nível de vida e converter o Laos em país exportador de arroz em lugar de importador.*»

O próprio trigo, cuja cultura não se faz normalmente no Laos, foi ali introduzido experimentalmente pelos agrónomos israelitas da FAO, na base de variedades mexicanas resistentes ao calor; e não se prevê razão de insucesso — muito pelo contrário.

O ensino das rotações de culturas em função dos terrenos, tais como o esquema *arroz — soja — tomate*, todas próprias das terras de regadio; o do milho e culturas horticolas, estão a produzir já seus frutos entre os camponeses laocianos; e constitui um formidável *arranque* para quando puder ser concretizado em paz o sonho de aproveitamento integral de todo o Rio Mekong — o chamado *gigante adormecido* — na rega organizada de imensos milhares de hectares de terras ribeirinhas que algum dia virão a constituir um formidável potencial criador de riqueza no Sudeste Asiático agora formigante de subalimentados esqueléticos e enfraquecidos, sujeitos a tantas doenças de carências e de dizimadora origem patológica e que, realizado o *Projecto* antevisto, irá levar a suficiência, senão mesmo a tranquilidade abundante, àquelas terras hoje de fome, peste e guerra.

Os mesmos técnicos agronómicos hebreus que conseguiram o prodígio da produção agrária israelita sacada dos desertos que lhes foram dados como seu Lar — a terra de seus antepassados —, ou

aqueles mais jovens que vão sendo formados nas suas escolas teóricas e na dureza do trabalho criador dos campos, se continuarem a dirigir o ensino e a preparação dos camponeses do Laos como o estão fazendo tão prodigiosamente na América Latina, não deixarão de obter resultados fantásticos da sua acção inteligente e persistente (duas qualidades que são específicas da sua raça e lhes valeram o poderem esperar 2000 anos sem desânimo pelo regresso à sua pátria), num campo que lhes é inteiramente familiar: o da cultura da terra, mesmo quando ela é desértica.

A curta história da localidade judia de Arava é mais um exemplo dessas possibilidades de realização, em qualquer parte do mundo em que os hebreus se dediquem a fazer a terra produzir.

Era uma pequena povoação pioneira encravada em terra seca no género do deserto de Neguev, a caminho de Eilat, no extremo sul de Israel, confinante com a Jordânia.

A sua pequena população vivia esquecida — até que as contingências da Guerra dos 6 Dias, em 1967, a trouxeram à luz de melhor conhecimento da sua situação. Chove pouco: cerca de 25 mm por ano. A água é escassa — e quase sempre salobra. Espalhados, vão aparecendo poços secos que datam dos tempos bíblicos. Temperaturas de 35 a 40 graus à sombra. Secura, desolação, deserto...

Entretanto, com a sua tenacidade rácica, alguns colonos judeus ali se estabeleceram há tempos em associações cooperativas chamadas *kibutzim* e começaram a cultivar a terra. Era preciso regá-la e adubar a areia estéril.

E então, logo adoptaram o sistema misto da rega fertilizadora, aquela que leva consigo e o distribui o próprio adubo a empregar...

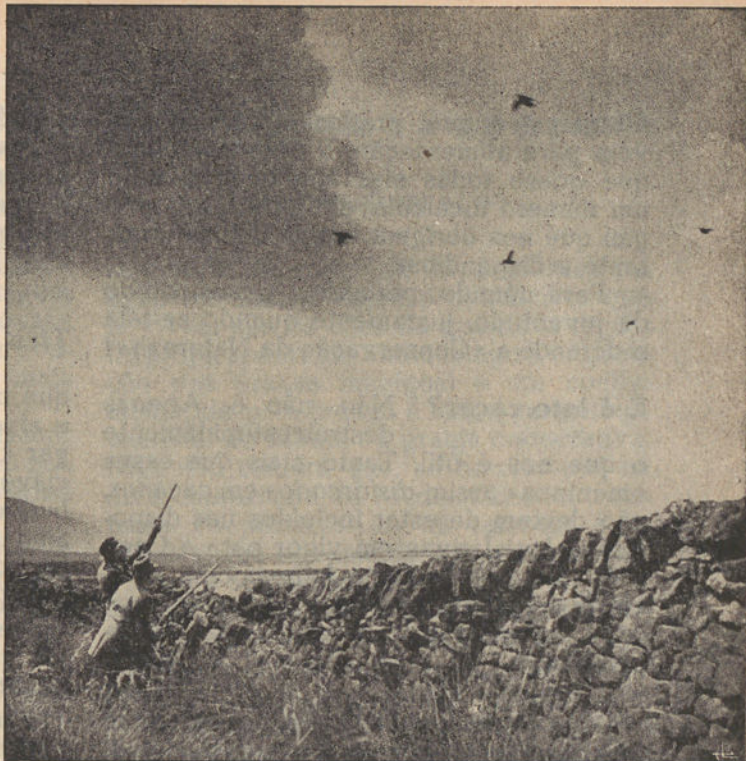
Hoje, Arava produz ótimos melões para exportação, tomate de origem italiana próprio para industrializar e também para exportação em natureza, já com bom mercado na Europa, saboroso e de polpa firme, criado genéticamente no Instituto Vulcani, pimentos tão ricos em vitamina C...

Faltam-lhe por agora os gados em con-

(Continua na pág. 347)

A MOCIDADE E A CAÇA

Por
ALMEIDA COQUET



DENTRO de quatro meses teremos muitos rapazes livres de exames e bem dispostos por terem passado ao ano seguinte, a caminho da conclusão do seu curso.

Quantos desses não terão um prêmio, e quantos deles não desejarão possuir uma espingarda... e caçar?

Consoante a idade e o ano que venceram, bem como as possibilidades da família, assim lançarão os olhos para uma simples arma de pressão de ar, ou para uma arma de fogo, embora de calibre reduzido.

Ainda há dias tive na minha frente um moço de quinze anos, prestes a passar para o quinto ano do liceu, e que já vai «namorando» o pai a haver se consegue uma carabina de pressão de ar. O pai não é caçador e mostra vontade de dar o prêmio ao rapaz. Quer dizer: um caso típico de centos e centos de estudantes nestas condições...

Os passarinhos Vamos lá examinar este exemplo. Com a carabina, aquele estudante vai começar o

seu tirocinio de atirador. Alvos improvisados de qualquer forma, com círculos concêntricos ou não, latas velhas, cacos, de modo a adquirir alguma certeza de pontaria.

Mas em breve, começarão a «tombar» as primeiras vítimas destas carabinas: os passarinhos!

É o que podemos ver com frequência em parques da cidade ou ruas arborizadas de menor trânsito. Um «aspirante» a caçador, acompanhado de amigos, a apontar a um misero pardal ou coisa que o valha, ufano da trela de onde já pendem uns quatro ou cinco passarinhos.

Pois bem. Com toda a franqueza devemos dizer que esta espécie de caça... é uma autêntica vergonha, para um povo que se diz civilizado. Anti-desportiva, cruel e perniciososa. Anti-desportiva, porque não apresenta dificuldade alguma, atingir um passarinho parado. Cruel, porque não se justifica de forma alguma o dizimar avezinhas tão graciosas, de gorjeios típicos e agradáveis — algumas de alto nível musical, como o rouxinól e tou-

tingras — e que, praticamente não servem para alimentação. E perniciosas, porque quase todas elas ajudam a destruir um número incalculável de insectos, pragas que nos obrigam a uma defesa constante e dispendiosa.

Para cúmulo, permitir a *deseducação* da juventude, justamente quando se fala e defende a « Conservação da Natureza »!

E é isto caçar? Não, não é. Apenas destruir estupidamente o que nos é útil. Tanto mais que esses « meninos » assim *disfarçados* em caçador, não deixam de estar incluídos nas disposições legislativas em vigor para a Caça (Dec. n.º 47847). Basta folhear com atenção o livro que contém todas as disposições legais sobre tal assunto, para compreender:

1. — que as carabinas de ar comprimido são consideradas armas de caça (alínea *a*) do art. 6.º);

2. — que para exercer a Caça, é preciso possuir a « Carta de Caçador » e obter anualmente a licença respectiva (Art. 16.º);

3. — que a caça só poderá ser praticada em terrenos livres ou coutados (Art. 60.º e seguintes);

4. — respeitar os períodos de defeso, bem como a proibição de abate **das aves** e mamíferos que constam da lista anexa ao Dec. 47847.

Deste modo como admitir a prática que vemos a cada passo, dos « aspirantes » a caçadores, em jardins públicos, a perseguir « passarinhos », com risco dos transeuntes? Sem falar no *à-vontade* com que esses « aspirantes » movem as carabinas carregadas ou não... E ainda não há muito tempo que lemos no jornal: uma criança com um olho vazado; uma senhora atingida na cara, etc..

Avezinhas úteis Sem falar em outras aves marinhas e gaviotas, ou aves terrestres de grande porte, são perto de noventa as espécies de pequenas aves que a lei « tenta » proteger...

São: andorinhas, lavandiscas, guardarrios, pica-paus, petinhas, carriças, pican-

ços, ferreirinhas, rouxinóis, felosas, toutinegras, estrelinhas, chascos, rabiruiivos, piscos, chapins, trepadeiras, escrevedeiras, serinos, tentilhões, pintasilgos, estorninhos, etc. etc.. Só felosas, há uma variedade enorme!

Tiro a alvo fixo Jovens atiradores! há duas espécies de tiro que podereis praticar: tiro a um alvo fixo e alvo móvel. No primeiro, podereis chegar com facilidade a uma perfeição apreciável. Podem começar com uma boa carabina de pressão de ar, possivelmente com ajuda de luneta telescópica, mas em lugar próprio.

Mais tarde, se o « aspirante » sente prazer na prática deste desporto, é natural que passe para a carabina de fogo, calibre 22LR (*long rifle*).

Neste desporto não se matam aves nem mamíferos: apenas se contam « pontos » para uma classificação. E ainda mais tarde, poderá o jovem atirador passar a carabinas de maior potência, armas de guerra, pistolas e revólveres.

Além do prazer de competição que se pode usufruir, é de grande utilidade se o atirador seguir para o Exército.

Tiro a alvo móvel Este é talvez o que mais entusiasma os jovens atiradores. Uma ave em voo, um coelho em corrida, são alvos que despertam um natural entusiasmo nos novos praticantes.

No entanto, não pensem em começar pelo fim. Começemos pelo princípio...

Primeiramente tomar perfeito conhecimento das armas de fogo, seu funcionamento e manejo, e cuidados a manter para evitar possibilidades de acidentes ou desastres.

Depois, aprender a "*meter a arma à cara*" (mas sem cartuchos), seguindo o alvo móvel **com os dois olhos abertos**. Depois de todos os movimentos executados correctamente, e só então, é que se inicia o fogo.

Para isso, não há melhor prática do que os « pratos » (*clay birds* ou *pigeons d'argile*).

Escolas de tiro No nosso País temos os clubes de caçadores. Tirando um ou outro rapaz, cujo pai é praticante de caça ou de tiro de «stand», o que constitui a possibilidade de um bom professor... na família, na generalidade os rapazes seguem uma aprendizagem irregular, cheia de erros e que, quase sempre, levam o jovem atirador a contrair vícios difficilimos de corrigir mais tarde.

No meu tempo de rapaz, o professor de tiro (alvo e caça) que tive, foi meu pai. E quase todos os meus colegas tiveram idêntico princípio.

Hoje é diferente, porque o número de entusiastas é muitíssimo maior. Além disso há menor contacto entre pais e filhos, e teremos portanto de seguir outro caminho.

Actualmente, no Reino Unido (Inglaterra, Gales e Escócia) estão organizando, nesta época do ano, «postos de instrução» de tiro para jovens, sob o patrocínio da organização de munições «ELEY». Em 1968, abriram pela primeira vez quatro postos, e este ano devem funcionar dezanove.

A despesa é só a dos cartuchos e «pratos», e quando preciso, emprestam arma. Os professores são amadores.

Não seria possível abrir cursos semelhantes nos clubes portugueses? Pode até acontecer que já funcione algum entre nós, o que desconheço.

Segurança Devo insistir neste ponto da parte inicial da instrução: conhecer com perfeição o manejo das armas e evitar tudo que possa constituir perigo e possibilidade de acidentes.

Em Inglaterra são bem conhecidos uns magníficos versos, intitulados: CONSELHOS DE UM PAI, ao filho de 13 anos que iria começar a aprendizagem de atirador, e que, em tradução livre começam assim:

Se um verdadeiro sportsman queres ser,
ouve com atenção o que te vou dizer.

Jamais apontes a arma para alguém,
descarregada que seja...

— isso não importa —

A técnica agrícola e a sua expansão

(Conclusão da pág. n.º 344)

sequência da aridez da terra, escassa em água: os únicos animais domésticos que lá vivem são os cães de guarda (a região foi propícia durante muito tempo à vagueação dos árabes inimigos) e um coelho albino, de pêlo branco e olhos vermelhos, mascote do *kibutz* ou granja cooperativa. Mas não tardará que, se houver paz na área conturbada do Médio Oriente, o sistema cooperativo dê ali também seus frutos e que novamente das areias escaldantes e sequiosas do deserto do Neguev brotem ainda mais *kibutzim* com suas habitações singelas mas confortáveis, mais poços de captação de água, mais terras fertilizadas pelo regadio bem administrado levando consigo as adubações químicas bem estudadas facilitando o seu espalhamento conveniente por hortas e pomares, pastos e áreas florestais — que tudo isso precisa, merece e recompensa o bom tratamento que se lhes dê em cuidados de cultivo, aqueles mesmos que os hebreus são ainda hoje mestres insígnos no aprender e no ensinar, desde tempos imemoriais.

E se há alguém no nosso mundo moderno que bem precisa de que o ensinem é o agricultor dos territórios chamados subdesenvolvidos, que não são só os do Extremo Oriente, para os fazer sair da miséria duma agricultura de subsistência para a dignidade duma outra mais elevada que seja de excedentes para mercado, que permita ao lavrador ser mais alguma coisa do que um produtor de géneros pobres que a indústria depois valorizará, mas enriquecendo-se por esse meio a si própria.

E é isso que o Cooperativismo não consente quando faz reunir em si as duas condições conjuntas de produtor e de industrial dos seus produtos, somando em seu favor os lucros de ambos os ramos da produção em vez de os dividir desigualmente pela separação das profissões:

— pataca a ti, pataca a mim e a mim pataca...

Serviço de CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo, J. Pinto Machado — *Arquitecto*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Núncio Bravo, Eng. Agrónomo — *Director da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

V — HORTICULTURA

N.º 31 — Assinante n.º 45 921 — Lisboa.

CULTURA DA ALCACHOFRA EM ELVAS

PERGUNTA — Li o seu artigo sobre a alcachofra no n.º 2656 da *Gazeta das Aldeias* e como há muito venho pensando na cultura gostaria de saber quais as possibilidades de êxito da cultura na região de Elvas, num solo argiloso pouco a medianamente calcário, com um PH a rondar os 7,8 (ou 8), em sequeiro e em regadio. No terreno vegetam espontaneamente cardos (alcachofras selvagens).

Muito grato ficaria se me informasse todos os detalhes culturais e produções prováveis no caso de achar conveniente fazer-se lá a cultura.

Se dispuser de informações complementares que ache conveniente eu conhecer muito reconhecido vos ficaria se mas enviasse.

RESPOSTA—1.º A *alcachofra brava* ou *alcachofra-do-São-João* (*Cynara humilis* L.) tem o seu solar nas zonas do Centro e Sul do País, em que se inclui, portanto, o termo de Elvas.

2.º Por outro lado também é próprio, espontâneo, do Centro e Sul (Éstremadura, Alentejos e Algarve), uma espécie vizinha, a chamada *cardo-de-coalho*, *cardo-das-hortas* ou *cardo hortense*, que é a *Cynara Cardunculus* L., de que a *alcachofra-das-hortas* ou *alcachofra-de-comer* é apenas uma subespécie, a *Scólymus*, antes *Cynara Scólymus* L..

3.º Tanto bastaria para aceitarmos a fácil integração da alcachofra na zona elvensê. O clima, já sobre o quente, favorecerá até a produção temporã desde que se escolham as situações mais bem expostas.

4.º Em dois números da *Gazeta das Aldeias*, o 2654 e o 2656, foi dito o essencial, sem entrar em minúcias, porventura escusadas para o maior número de possíveis interessados.

5.º Para uma cultura comercial importa, fundamentalmente, a boa preparação do terreno e uma estrumação generosa. Actualmente para a mobilização da terra não há problema, com o recurso a tractor e boas alfaias. E onde não haja disponível estrume de curral, devidamente curtido, pode aproveitar-se a estrumação directa, de preferência dobrada, com o gado ovino. Mas se o terreno é mais ou menos argiloso, o estrume de curral, em que participam as camas, seria o preferível.

6.º Afigura-se-me de tentar a cultura comercial da alcachofra, já que tende a aumentar o número de visitantes estranhos, os chamados *turistas*. E na capital, em Lisboa, a alcachofra tem já um mercado certo que não é maior à mingua de abastecimento suficiente e oportuno.

7.º A produção, como compreenderá facilmente, é bastante variável, dependendo como está do terreno e dos granjeiros, dentro da mesma zona. Em média, e para orientação, pode contar-se com 35 a 40 quintais por hectare (10 000 m. q.).

8.º O que importa, em primeiro lugar, é a obtenção do plantio, quer por semente quer por esgarças ou rebentões obtidas em qualquer cultivador.

9.º No caso de estas informações complementares do que já se escreveu não serem suficientes, terá o incómodo de precisar as dúvidas ou os pontos sobre que deseja mais explicitos informes.—
Artur Castilho.

★

N.º 32 — Assinante n.º 46 256 — Porto.

FEIJÕES ASSOCIÁVEIS AO MILHÃO

PERGUNTA — Peço a subida fineza de me informar os nomes das variedades de feijões rasteiros brancos e de cor, os mais produtivos para se-mear em conjunto com o milho, e onde os poderei encontrar à venda em casa de confiança.

RESPOSTA — 1.º Numa publicação da «*Gazeta das Aldeias*», da minha autoria, *O Milhão*, foram indicadas as castas de feijoeiro vulgar que mais habitualmente se associavam ao milhão. E noutra publicação, também desta revista, *Legumes Alimentares*, fez-se uma resenha, bastante extensa, das castas de feijoeiro mais cultivadas em Portugal quer extremes quer consociadas.

2.º Presumo que nenhuma das nossas casas de sementes se dedica à produção de sementes selectas das diversas plantas cultivadas. E é pena. Em Espanha já existe esta especialização sob os auspícios do Estado. Aquelas casas, por isso, adquirirão aos fornecedores as sementes que se lhes apresentarão melhores.

Parece-nos que seria da maior utilidade seguir o exemplo de Espanha, até porque não bastará apenas afinar, apurar, as castas actuais. Seria indispensável — agora que tanto se fala em aperfeiçoamentos culturais — obter novas castas com especiais requisitos. Estariam indicadas, por exemplo, as extraprecoces para o Algarve, no Continente, e para a Madeira que assim poderia melhorar a sua exportação neste género.

3.º As castas de feijoeiro que mais correntemente se cultivam, entre nós, juntamente com o Milhão, segundo meu registo, são: *amarelo*, *branco miúdo*, *branco manteigueiro* ou só *manteigueiro*, *canário*, *catarino*, também conhecido por *santa-catarina*, *moleiro* ou *nogueiro*, *picão*, *taramelo* ou *tramele*, além de, em Trás-os-Montes, o *manteiga* e o *riscado*.

O *branco miúdo* e o *moleiro* são castas de preço relativamente baixo, pela pequenez do grão. O *moleiro* é muito usado no Douro para a alimentação do pessoal operário.

De todos os indicados, obterá melhor preço no mercado o *manteigueiro*.

4.º Nos Açores (S. Miguel) usam uma casta trepadora, lá dita *branco-da-Hollanda*, além de outra rasteira, *rabão* ou *rasteiro*, de grão vermelho muito apreciado.

E no Continente em boas terras, regadias, também se utiliza o *manteiga*, tre-

pador, de grão branco, achatado, muito fino. Mas esta casta obriga a sementeira antes rara e associado não muito pujante.

5.º Na Quinta de Santa Cruz do Bispo, quando anexa à Estação Agrária do Porto, em funcionamento na Quinta de S. Gens (Senhora da Hora), fez-se um ensaio com o feijão *manteigueiro*, em 1930, com raro êxito, o que poderia levar à cultura separada das duas plantas.

6.º Se não encontrar em casa de sementes, boa semente, tente obtê-la num mercado (Famalicão, Barcelos, etc.), de acordo com as indicações que aí ficam.—
A. Castilho.

XXIII—DIREITO RURAL

N.º 33 — Assinante n.º 46247 — Fornos de Algodres.

USUCAPIÃO DE BALDIOS

PERGUNTA — Tenho um grande pinhal, herdado de meu pai em 1918. Ao tomar posse do mesmo, verifiquei a existência de uma pequena belga de terreno (4600 m²) onde não existia pinheiro algum, nem sequer o simples mato, que o guarda do pinhal me informou não ter dono.

Como não tinha sinais comprovativos de não ser do meu pinhal, ordenei-lhe que o guardasse, não deixando lá entrar gado, assim como no meu pinhal e que o proprietário, caso o tivesse, apareceria.

Assim se passaram 52 anos, tendo falecido o guarda de então e novo entrou com a mesma recomendação e passaram a nascer pinheiros que hoje já dão umas 50 bicas de resina.

Nesses 50 anos nunca ninguém apareceu a dizer pertencer-lhe esse terreno, tendo eu registado o pinhal incluindo esses 4600 m² de pinhal novo.

Aparece, agora, a Junta de Freguesia a dizer que naquele local existia um pequeno baldio e, portanto, esse hoje pequeno pinhal lhe pertencia, desejando tomar posse dele.

Esclareço que no tomo dos baldios, publicado pela Junta de Colonização Interna em 1937, não consta existir esse baldio no sítio onde se encontra, mas na Repartição de Finanças, do Concelho, aparece nos livros dos prédios rústicos um pequeno baldio, pelo que fundamenta a Junta pertencer-lhe, arranjando umas pessoas a dizer que realmente era baldio e que pelo novo Código Civil os baldios não prescrevem.

Tem realmente a Junta de Freguesia direito ao referido baldio desde que não consta no «Reconhecimento dos baldios» feito pela Junta de Coloni-

zação Interna, como determina o Decreto 27207 de 16-11-936?

Estando na minha posse há 52 anos não prescreveu, visto a prescrição se ter dado em 1948? Dizem que o novo Código Civil não autoriza a prescrição dos baldios, mas segundo consta de um livro publicado pelo Dr. Orlando Marçal «Os baldios podem ser reduzidos a propriedade particular pela prescrição» pelo Código Civil anterior devia ter prescrito e, portanto, ser minha propriedade. Se assim for, o que tenho a fazer para a Junta de Freguesia não tomar conta dele?

RESPOSTA — Dispõe o § único do art. 388.º do Código Administrativo que «os terrenos baldios são prescritíveis».

E' certo que o Código Civil de 1867, no seu art. 506.º, determinava que só podiam ser objecto de prescrição as coisas que estão em comércio e o art. 381.º do mesmo diploma definia as coisas comuns (nas quais se integravam os baldios) como aquelas das quais só se pode tirar proveito, o que implica a insusceptibilidade de comércio das mesmas. Simplesmente o Código Administrativo, com a disposição citada, veio, nesse ponto, revogar o Código Civil. (Cfr. Acórdão do S.T.J., de 13-6-931, in *Revista da Justiça*, 16.º, pág. 298).

Ora, foi durante a vigência do anterior Código Civil que se deram as condições necessárias para que o senhor consulente tenha adquirido, por usucapião, o aludido baldio. Assim não há que curar se o actual Código Civil os considera ou não prescritíveis, pois antes da sua entrada em vigor já o senhor assinante tinha adquirido a sua propriedade.—
A. M. O. Pinheiro Torres.

★

N.º 34 — Assinante n.º 43903 — Chaves.

SEMENTEIRA DE PINHAL

PERGUNTA — Posso um terreno de mato no qual pretendo *semear pinhal*; como o mesmo confina com terrenos alheios, em parte cultivados a centeio, vinha e batatal, conforme esquema que aqui junto, peço me informe se, legalmente, o posso fazer.

Todos os terrenos confinantes são, como o meu, de sequeiro.

RESPOSTA — Em relação ao pinheiro, não há qualquer disposição legal que res-trinja o direito de sementeira ou plantação

de árvore se arbustos até à linha divisória dos prédios (art. 1366.º-1 do Código Civil). — A. M. O. Pinheiro Torres.

★

N.º 34 — Assinante n.º 41512 — Senhora da Hora.

MUDANÇA DE SERVIDÃO. TAPAGEM DE POÇOS

PERGUNTA — 1.º — Determinado proprietário, por escritura, tem obrigação de dar serventia de passagem a certos vizinhos, a qual pela mesma escritura foi demarcada.

Tal serventia liga a outra estabelecida no terreno de um vizinho, para terceiros. Essa ligação de serventias não está expressamente declarada na escritura, visto o seu fim ser dar passagem para acesso à água de certos poços, para rega. Porém, para se acompanhar a água, ela é necessária.

O proprietário do início da servidão, que dá acesso aos poços, por malvadez, pretende mudar a servidão no seu percurso, desviando-a do ponto actual da ligação, embora com esse processo estrague mais terreno do que lhe pertence, visto actualmente a servidão contornar certo campo e o mesmo pretender que tal servidão lhe atravessasse o mesmo campo ou parte do campo, ficando com um canto encravado e praticamente inútil, já que tal servidão é diária com excepção dos dias semanais em que a água lhe pertence.

a) Para mudança dessa servidão, como é que os interessados na mesma devem ser avisados: pessoalmente, pelo correio registado ou judicialmente?

b) Como os que se servem de tal servidão, são prejudicados com tal transferência ao abrigo da Lei podem impugná-la? Como devem proceder?

c) Enquanto pelos devidos meios os interessados não forem avisados dessa mudança de servidão, podem retirar quanto se encontra a impedir a sua passagem, pelo lugar normal, e colocar fora do espaço citado na escritura como espaço da passagem, tais estorvos, de modo que os mesmos fiquem no terreno do dito proprietário?

2.º — Quando algum proprietário possui no seu terreno poços, que pertencem em comum, em partes iguais, a ele e a terceiros, quem é responsável por qualquer acidente resultante de acidentes por os mesmos se encontrarem destapados; o dono do terreno onde se encontram os poços somente, ou todos os proprietários dos poços? (Faço notar mais uma vez que, por escritura, os poços pertencem em comum e em partes iguais a diversas pessoas).

a) Alguns dos proprietários, por notificação judicial, informaram já o proprietário do terreno onde estão os poços, que, consideram aquele o único responsável por qualquer acidente resultante da falta de tapagem dos mesmos, de harmonia com a Lei, estando os mesmos prontos a pagar a sua

quota-parte das despesas necessárias a efectuarem-se com tal tapagem. Tal processo isenta de responsabilidade judicial os signatários da mesma?

b) Para resolver o caso da tapagem desses mesmos poços, qual é a entidade a quem deve ser comunicada a sua falta, para que os mesmos sejam devidamente resguardados?

RESPOSTA — 1.º — A mudança de servidão, se não houver acordo dos proprietários dominantes, só pode ser judicialmente decretada, e será em Tribunal que estes apresentarão os argumentos que os levam a não aceitá-la.

Caso o proprietário serviente, sem mais, impedir o uso da servidão, os proprietários dominantes terão de, judicialmente, obrigá-lo a cumpri-la.

Quando o proprietário serviente estorvar o exercício da servidão parece que, em princípio, os proprietários dominantes poderão retirar esses estorvos; há no entanto que usar de toda a cautela a fim de que o proprietário dominante não possa alegar, com razão, que teve prejuízos. De qualquer modo, a essa acção directa de defesa de direitos deverá seguir-se acção judicial, pois este será o meio mais seguro de fazer vingar os direitos ofendidos.

2.º — a) Em princípio a responsabilidade por acidentes do género dos descritos na consulta caberá aos proprietários dos poços. Simplesmente essa responsabilidade assenta na existência de negligência ou culpa por parte deles. Deste modo, a notificação judicial, até certo ponto, mostra quanto eles foram diligentes e faz salientar que a sua diligência não foi maior por disso terem sido impedidos pelo dono do terreno.

A sua isenção de responsabilidade, no entanto, só existirá se for entendido que eles não poderiam, nas circunstâncias, fazer mais do que o que faria uma pessoa normal.

b) Embora não tenha a certeza, supponho que a Câmara Municipal respectiva será a entidade competente à qual os interessados se deverão dirigir, expondo a situação, mostrando os perigos que dela podem advir e pedindo providências. — A. M. O. Pinheiro Torres.



INFORMAÇÕES

Calendário de Maio

Durante este mês a duração do dia é de 13 h. e 48 m. em 1 e de 14 h. e 40 m. em 30.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Sexta	5.40	19.28	3.20	15.7
2 Sábado	5.39	19.29	3.45	16.18
3 Domingo	5.38	19.30	4.10	17.29
4 Segunda.	5.36	19.31	4.36	18.40
5 Terça	5.35	19.32	5.6	19.51
6 Quarta.	5.34	19.33	5.40	21.1
7 Quinta.	5.33	19.34	6.20	22.7
8 Sexta	5.32	19.35	7.8	23.5
9 Sábado	5.31	19.36	8.3	23.54
10 Domingo	5.30	19.37	9.2	*
11 Segunda.	5.29	19.38	10.5	0.35
12 Terça	5.28	19.39	11.7	1.8
13 Quarta.	5.27	19.40	12.8	1.36
14 Quinta.	5.26	19.40	13.7	2.0
15 Sexta	5.25	19.41	14.7	2.22
16 Sábado	5.24	19.42	15.7	2.43
17 Domingo	5.23	19.43	16.9	3.5
18 Segunda.	5.22	19.44	17.14	3.27
19 Terça	5.22	19.44	18.23	3.83
20 Quarta.	5.21	19.45	19.34	4.24
21 Quinta	5.20	19.46	20.46	5.2
22 Sexta	5.19	19.47	21.55	5.52
23 Sábado	5.19	19.48	22.53	6.52
24 Domingo	5.18	19.48	23.43	8.1
25 Segunda.	5.18	19.49	*	9.17
26 Terça	5.17	19.50	0.22	10.33
27 Quarta	5.16	19.51	0.55	10.47
28 Quinta.	5.16	19.52	1.23	12.59
29 Sexta	5.15	19.52	1.48	14.8
30 Sábado	5.15	19.53	2.13	15.17
31 Domingo	5.14	19.54	2.38	16.27

L.N. em 5 às 14 h. e 51 m.; Q.C. em 13 às 10 h. e 26 m.; L.C. em 21 às 3 h. e 38 m.; Q.M. em 27 às 22 h. 32 m.;

Estado das culturas em 31 de Março

Informação fornecida pelo Instituto Nacional de Estatística

A estiagem verificada durante Fevereiro, prolongou-se pelo mês de Março até fins da 2.ª década. Céu limpo, tempo seco, ocorrência de geadas e variações térmicas diárias acentuadas, foram os factores climatológicos que mais influíram neste período. Na 3.ª década houve queda de chuva em quantidade bastante regular, tendo a temperatura sofrido uma pequena subida. As condições observadas foram favoráveis para os trabalhos próprios da época, mas adversas para as culturas em geral. A falta de humidade nos solos aliada às baixas temperaturas, atrasou o desenvolvimento vegetativo das searas de cereais praganosos e leguminosas. Os mesmos factores actuaram também desfavoravelmente nos pastos e prados, registando-se um atraso no seu crescimento, o que agravou as condições de alimentação dos gados em forragens no estado de verde. A área ocupada por batata de sequeiro é sensivelmente igual à do ano anterior (+ 1%), e ligeiramente inferior à média do decénio (- 3%). Os rendimentos médios por hectare prevêm-se superiores aos do ano passado, com excepção para o centeio.

Os pomares, de um modo geral, apresentam regular aspecto vegetativo. As condições atmosféricas em algumas zonas prejudicaram a floração das prunóideas. De um modo geral a rebentação das pomóideas encontra-se atrasada.

Os trabalhos próprios da época, encontram-se em estado normal de adiantamento, pois o tempo foi-lhes favorável. Fizeram-se lavouras, gradagens, mondas das searas de trigo, sementeiras de grão-de-bico, plantações de batata, culturas hortícolas, etc..

De uma maneira geral, houve abundância de produtos nos mercados e feiras, tendo-se verificado pequenas oscilações no preço dos mesmos, relativamente ao mês anterior. No entanto, notou-se uma certa tendência para uma descida nos preços da batata e vinho. No que respeita aos produtos hortícolas e ao gado, verificou-se uma pequena subida.

As disponibilidades de mão-de-obra continuam a ser consideradas insuficientes para os trabalhos em curso.



**POR QUE É
QUE OS HOMENS
COM UMA VONTADE
MAIS FORTE
DE PROGREDIR**

USAM ASPOR?



Todos queremos progredir. Todos queremos uma vida melhor. Uns conseguem-na. Outros não.

É que há homens com uma vontade mais forte.

Homens que vão longe. Esses preferem Aspor.

O Aspor dá cabo do míldio. É eficaz, persistente, económico.

Com Aspor—as suas vinhas são mais sãs, mais fortes!

Com Aspor—uvas fartas, pipas cheias, lucros graúdos!

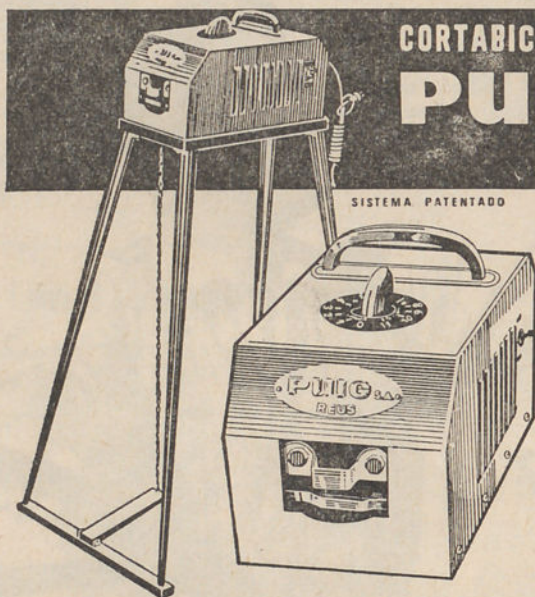
Use Aspor e viva melhor!

ASPOR MAIS FORTE QUE O MÍLDIO MAIS FORTE



ANTES DE USAR LEIA O ROTULO

DEFENDA O SEU AVIÁRIO DO CANIBALISMO



CORTABICOS PUIG-PIC CAUTERIZADOR

SISTEMA PATENTADO

- * Permite o funcionamento interrupto
- * Comando com 11 intensidades de calor
- * Lâmina sobresselente e chave de montagem
- * Corrente 220 V.
- * Isento de avarias
- * Entregas imediatas

4472

PEDIDOS A:

PUIG PORTUGUESA—Rua Visconde de Seabra, 22-A—LISBOA—Telef. 769575

*O Caminho de Ferro
é o transporte ideal,
pois é seguro, rápido
prático e económico.*

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**

ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ

Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para os animais domésticos

Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam
Frasco pequeno - 12\$50 • Frasco grande - 50\$00

Vende-se em todas as farmácias, drogarias, aviários, etc.



DISTRIBUIDORES
GERAIS

**Vicente Ribeiro
& C.ª**

R. dos Funqueiros, 84, 1.º, Dt.º

L I S B O A

SEMENTES

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

Alfaces, Beterrabas, Couves diversas: Couve flores, Couves bróculos, Penco de Chaves, Penco de Mirandela, Penco da Póvoa, Repolhos, Tronchuda, Ervilhas de grão, Espinafres, Rabanetes, assim como: Azevéns, Erva molar, Lusernas, Lawn-grass Ray-grass, Trevos, etc., etc. e ainda uma completa colecção de Flores.

Se deseja **SEMEAR E COLHER** dê preferência às sementes que com todo o escrupulo lhe fornece a

«**SEMENTEIRA**» de **Alípio Dias & Irmão**

Rua Monsinho da Silveira, 178 — Telefones 27578 e 33725 — PORTO
CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o

N. B. — Preços especiais para revenda que lhe será enviado gratuitamente





Não há pecuária evoluída sem forragens de qualidade

Propomos 2 soluções
no período de Primavera-Verão

TRUDAN *(híbrido de ervas do sudão)*

- alto valor nutritivo (14% de proteína)
- extraordinário poder de regeneração após cada corte (20 em 20 dias)
- ideal para pastoreio: caules finos e muito apeteçidos pelo gado
- baixíssimo teor de ácido cianídrico
- mais de 100 toneladas de massa verde por hectare (em 4 ou 5 cortes)

SORDAN *(híbrido de sorgo e erva do sudão)*

- razoável valor nutritivo (9 a 10% de proteína)
- óptimo poder de regeneração após cada corte (35 a 40 dias entre cortes)
- ideal para feno e silagem
- 80 a 120 toneladas de massa verde por hectare (em 3 cortes)

Para qualquer esclarecimento complementar queira dirigir-se aos
Representantes Exclusivos:

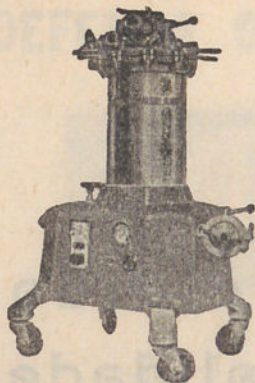
4475



Agroquímica Pechiney Progil, Lda.

Rua António Enes, 25-2.º

Telefones: 4 41 80 - 4 41 89 - 53 79 16 - LISBOA-1



Filtros — De aço inoxidável, para vinhos, vinagres, azeites, etc.

W i n o — Mastique especial para a vedação perfeita do vasilhame.

Tartrix — O produto ideal para lavagem e desinfecção de vasilhame vinário, leiteiro, etc.

Collogel — O produto que evita a precipitação do cremotartaro nos vinhos engarrafados.

Produtos Enológicos - Material de Adega - Análises



RAMO AGRICOLA da

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

Avenida Rodrigues de Freitas, 68 — PORTO — Telefone, 55161

Sementes

Nacionais e Estrangeiras

para Horta, Prado e Jardim

Insecticidas

Máquinas Agrícolas

Alubos

Simples e Compostos

Consulte o:

Centro Agrícola e Industrial, Lda.

307 — Rua de Santa Catarina — 309
Telef. 25865 — PORTO — Teleg. «AGROS»

Galinhas

Evita e combate doenças de todas as aves . . . AVIOSE

Suínos, Bovinos

(Contra o fastio)—Fortifica e engorda . . . VITA-CEVA

Leitões - Vitelos

Indicado em todas as desenterias, complicações intestinais, etc. . . . SOLTURIN

Animais - Aves - Rações

Preparam-se juntando aos cereais ou resíduos «Cálcio + Vitaminas e Antibióticos» (Mais economia e eficiência)

Laboratório da Farmácia Pinho

GUIA — LEIRIA

Semeador de milho JOHN DEERE modelo 24 BE

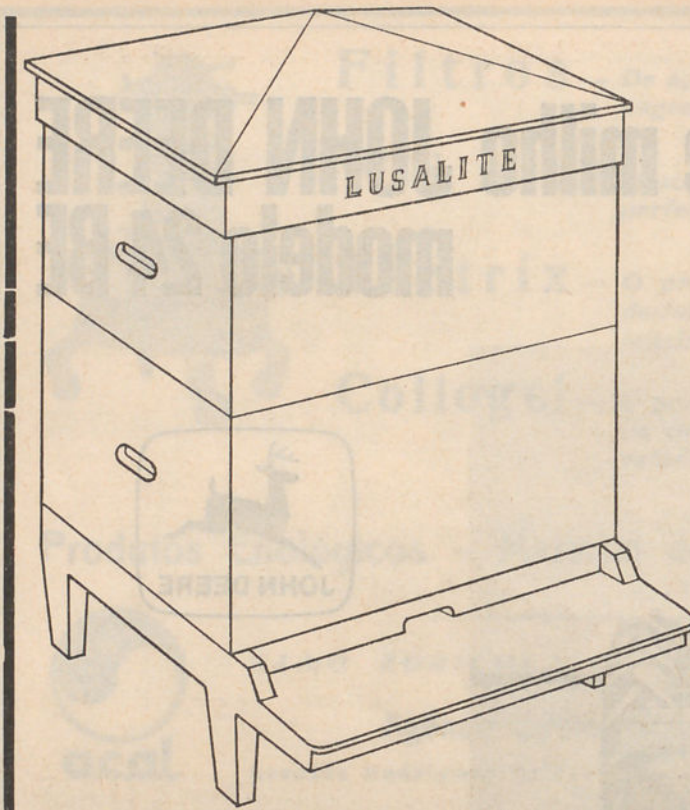


**para semear-e-adubar
ao mesmo tempo
com toda a precisão**

- Sementeira e adubação simultâneas.
- Funcionamento preciso e rápido.
- Densidade de sementeira não alterada com a variação de velocidade.
- Elementos independentes para acompanharem as irregularidades do terreno e fazer a sementeira a profundidade uniforme.
- Elementos de sementeira por rodas de formatos variáveis.
- Lâminas de cobertura.
- Destorroadores de rodas.

Semeador de milho JOHN DEERE... para colheitas abundantes!

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L. — Avenida da Índia (Pedrouços) — Lisboa — Telef. 61 19 71/4
Filiais, Agentes e Sucursais — Aveiro, Beja, Braga, Bemposta, Chaves, Coimbra, Évora, Faro, Portalegre, Sabugal, Santarém,
Setúbal, Sousel, Torres Vedras, Viseu, Porto, Benavente, V. do Castelo, Mirandela, Vila Real, Rio de Mouro.



Colmeias LUSALITE

em
TRÊS MODELOS:

Prática * Reversível e Lusitana

- * Não se alteram com a humidade
- * Não envelhecem com o tempo
- * Não apodrecem * Não fendem
- * Não empenam
- * Não criam parasitas
- * Não são atacadas pela tinha
- * Protegem as abelhas contra o frio e calor demasiados

Com as colmeias LUSALITE atingem-se produções muito maiores do que as obtidas com qualquer outro tipo.

Peça tabelas à



LUSALITE

Soc. Portuguesa de Fibro-Cimento, s. a. r. l.

Rua de S. Nicolau, 123 Telef. 322091
LISBOA - 2

R. Sá da Bandeira, 70-2 0— Tel. 25966—PORTO
ou aos seus Revendedores, estabelecidos nas principais praças do País

4459

RAÇÕES

E CONCENTRADOS
PARA ANIMAIS



MAIORES
PRODUÇÕES

MENOR CUSTO
DE PRODUÇÃO

PROVIMI PORTUGUESA

R. FILIPE FOLQUE, 2-2.º — LISBOA

TELEFONES 4 21 11/2/3

R. SA DA BANDEIRA, 746, 2.º-Dio.

TELEFONE 30069 PORTO

VENDEDORES EM TODO O PAÍS

4451

Moto-Ceifeiras

alemãs, com motor JLO

a Esc. 9.975\$00



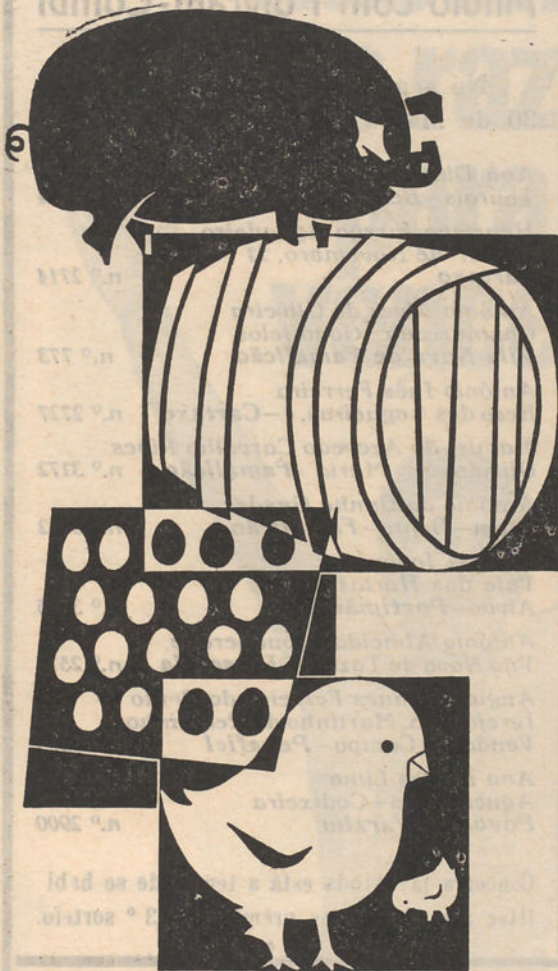
Gutbrod

Agência Geral Gutbrod

Rua de José Falcão, 152-156

Telefs. 20947 e 20948 — PORTO

4210



**Na chamusca
dos porcos**

**Na extracção
de sarro
do vasilhame**

Nas chocadeiras

**Nas criadeiras
de pintos**

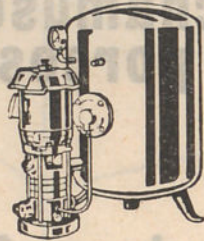
4127



PROPACIDLA

**O MELHOR GÁS
AO SERVIÇO
DA INDÚSTRIA**

GRUNDPOS



GRUPOS AUTOMÁTICOS
ÁGUA SOB PRESSÃO

*

BOMBAS SUBMERSÍVEIS
EM AÇO INOXIDÁVEL

*

BOMBAS DE EIXO VERTICAL

*

R. CAMÕES, 310 — PORTO
TEL.: * 2 2104

BONNEVILLE OLIVEIRA

Grande Concurso Guerra ao Mildio com Polyram-Combi

No segundo sorteio realizado em
30 de Março foram premiados:

Ana Dias Chaves Tourais - <i>Beira Alta</i>	n.º 1794
Henrique Jarego Aguiar Rua 1.º de Novembro, 21 <i>Cartaxo</i>	n.º 2714
António Alves de Oliveira Chamuscada - <i>Gondifelos</i> <i>Vila Nova de Famalicão</i>	n.º 773
António Inês Ferreira Beco dos Nogueiras, 4 - <i>Cartaxo</i>	n.º 2727
Manuel de Azevedo Carvalho Ribes Oliveira S.ta Maria - <i>Famalicão</i>	n.º 3172
António da Cunha Guedes Além - <i>Bente - Famalicão</i>	n.º 3712
Manuel Joaquim Vale das Hortas Alvor - <i>Portimão</i>	n.º 3505
António Almeida Albuquerque Vila Nova de Tazém - <i>Passarela</i>	n.º 2577
Augusto Nunes Ferreira do Couto Igreja de S. Martinho de Recesinhos Venda do Campo - <i>Penafiel</i>	n.º 3909
Ana Fontes Lima Aguçadoura - <i>Codixeira</i> <i>Póvoa de Varzim</i>	n.º 2900

Concorra já! Ainda está a tempo de se habilitar aos magníficos prémios do 3.º sorteio.

4462

Sociedade Agrícola da Quinta de Santa Maria, S. A. R. L.

OS MAIORES VIVEIROS DO NORTE DO PAÍS

Plantas vigorosas e devidamente seleccionadas, de fruto, barbados americanos, *arbustos* para jardins, para sébes, para parques e avenidas, *roseiras*, *trepadeiras*, etc.

Serviços de assistência técnica e instalação de pomares

No seu próprio interesse, visite os n/ viveiros

Peça catálogo grátis

Fornecimento de animais das melhores procedências, rigorosamente seleccionados e acompanhados de registo genealógico.

□ *Gado bovino leiteiro* (Holstein-Frisian)

□ *Suínos da raça Yorkshire* (Large White)

Todos os fornecimentos de animais são feitos por encomendas previamente confirmadas.

Departamentos de venda:

Viveiros: - Carreira - Silveiros (Minho) - Telef. 96271 - NINE

Gados: - Apartado 4 - Barcelos - Telef. 82340 - Barcelos

3684

bastam duas razões para vencer



ANTRACOL registou mais uma retumbante vitória sobre o mildio. E bastavam dois factos para se consagrar vencedor sem a mais insignificante sombra de dúvida:

A SUA PODEROSA ACÇÃO FUNGICIDA

— o ANTRACOL, bem aplicado, forma uma poderosa barreira defensiva que o mildio não consegue atravessar.

A SUA PERSISTÊNCIA

INULTRAPASSADA — o ANTRACOL mantém-se activo durante um período que nenhum outro fungicida orgânico ultrapassa. Ora, para além disso, o ANTRACOL combate o pedrado das macieiras e pereiras, retarda ou impede o avermelhamento precoce nas vinhas do Minho, marca perfeitamente a azul as videiras tratadas e elimina o perigo da desfolha nas macieiras Golden.

OS LAVRADORES SABEM TAMBÉM

que, devido às suas qualidades, o ANTRACOL se recomenda para aplicação exclusiva da primeira à última cura, e permite, pela ausência de efeitos fitotóxicos, que toda a planta se desenvolva naturalmente.

PARA SUA COMPLETA SATISFAÇÃO,

os lavradores partem ainda da certeza de que o ANTRACOL, na sua aplicação, é provavelmente um dos fungicidas mais económicos do mercado, beneficiando da vantagem extra de apresentar as suas doses de emprego normal já pesadas dentro da embalagem de expedição sem o mínimo aumento de preço.

E, para finalizar:

ANTRACOL É UM PRODUTO BAYER.

Tem a garantia de qualidade BAYER e assistência técnica em qualquer ponto do país.

Antracol vence o mildio



Antracol... não tem superior

ANTES DE USAR LEIA O RÓTULO

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 12, MARK 15, MARK 25, MARK 4/3B
1,5 HP 2,5 HP 3 HP 5,5 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENEONTRÁ-LOS-A NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F
Telef. 553393-555389 3582

Aconselhamos a leitura dos seguintes livros:

Cultura do milho

1 volume de 74 páginas, com
22 gravuras 9\$50

As máquinas na cultura do milho

1 volume de 126 páginas, com
61 gravuras 14\$00

Inimigos do milho

1 volume de 72 páginas, com
25 gravuras 7\$80

O Girassol — Sua cul- tura e usos

1 volume de 44 páginas, com
5 gravuras 7\$80

A Soja

1 volume de 28 páginas, com
41 gravuras 14\$00

Adubos Químicos

1 volume de 57 páginas 7\$80

Os Adubos — Razões do seu emprego

1 volume de 78 páginas 9\$50

Os Adubos Potássicos

1 volume de 31 páginas 6\$80

Os Adubos Azotados

1 volume de 38 páginas 6\$80

Os correctivos calcáreos

1 volume de 34 páginas 6\$80

Nos preços indicados está incluído o porte de correio e registo.

Pedidos à «Gazeta das Aldeias»

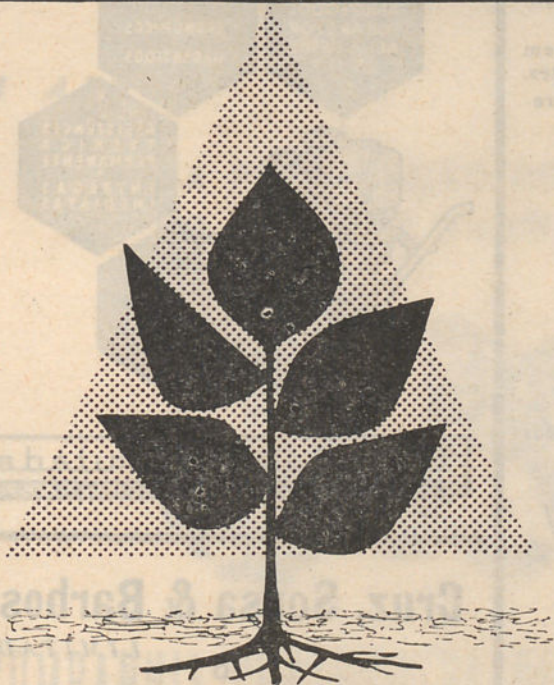
INFORMAÇÃO ESPECIAL

ARBORICULTURA - VITICULTURA - HORTICULTURA

Peça a
nossa
documentação
especial

ACTIGIL

ACTIGIL



Adubo foliar líquido

Durante
a vegetação
um suplemento
fertilizante
directo

Peça a nossa documentação especial **ACTIGIL**

Nome _____

Morada _____

AP **AGROQUÍMICA
PECHINEY
PROGIL** LIMITADA

Rua António Enes, 25, 2.º D. - LISBOA-1
Telefs. 44180 - 44189 - 537916 - Portugal

Os produtos da

UMUPRO

LYON - FRANCE



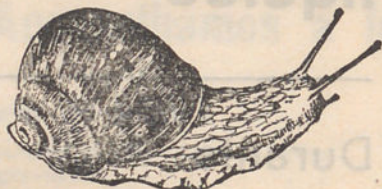
“Umurat” Cube

313-

Raticida moderno à base dum anticoagulante do sangue.

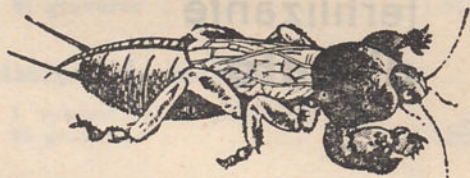
Agindo por hemorragias internas sem sintomas alarmantes para os restantes.

Em cubos prontos a utilizar mas recuperáveis quando não consumidos.



“Helicide granulado”

Produto efficacíssimo na extinção dos caracóis, à base de metaldeído.



“Umucortil granulado”

Para combate aos ralos à base de clordane.

são distribuídos em Portugal por

Ferreira, Rio & C.a, L.da

Rua do Almada, 329-1.º — Telef. 23007 — PORTO

Contra a
papeira
use

“PLOUR”

Também
utilizável
no gado bovino



Para
marcar
os seus
carneiros
use

“LANOBRAND”

REPRESENTANTES 1369

COLL TAYLOR, LDA.

R. Douradores, 29-1.º — LISBOA

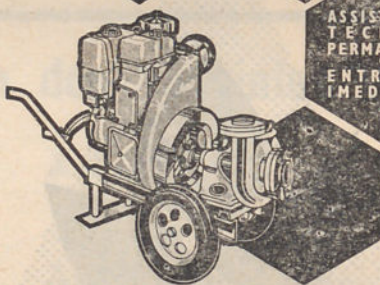
Lister

GRUPOS
MOTO-BOMBA
DIESEL

MOTORES
ARREFECIDOS
POR AR E POR
AGUA DESDE
3.5 H. P.

• ROBUSTOS
• ECONÓMICOS
• GARANTIDOS

ASSISTÊNCIA
TECNICA
PERMANENTE
ENTREGAS
IMEDIATAS



Pinto & Cruz, Limitada

60, Rua Alexandre Braga, 64 - Telef. 26001 (P.P.C.) Teleg. TUBOS-Porto

4178

Cruz, Sousa & Barbosa

LIMITADA

Papéis e
Máquinas Gráficas

Rua D. João IV, 567-2.º — PORTO
Telefs. 27656 e 27657

2157

CIANAMIDA CÁLCICA

CAL AZOTADA

20-21% DE AZOTO

O ADUBO AZOTADO COM
MAIOR PERCENTAGEM DE CAL

*OS MELHORES RESULTADOS EM SOLOS ÁCIDOS
NAS SEGUINTE CULTURAS:*

ARROZ, MILHO, CEREAIS DE PRAGANA,
BATATA, OLIVAL, VINHA, POMAR, etc.

E AINDA

NA PREPARAÇÃO DE ESTRUMES E
NO COMBATE AS ERVAS DANINHAS



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA — TELEFONE 368939

**Essa é que é essa!
com Gusathion MS
não há bicho que
apareça**



Gusathion MS contra todos os insectos e ácaros inimigos dos pomares

Até há pouco, para lutar contra os diversos tipos de insectos e ácaros parasitas que atacam os pomares na primavera e verão, o lavrador tinha de recorrer sempre a dois ou três produtos diferentes, conforme os inimigos a combater. Hoje, essa tarefa é muito mais fácil. O lavrador tem no GUSATHION MS um insecticida para combater todos os tipos de parasitas dos pomares. GUSATHION MS reúne num só produto as qualidades de um insecticida de contacto ou ingestão e as de um insecticida sistémico.

GUSATHION MS permite, assim, combater eficazmente, ao mesmo tempo, todos os tipos de parasitas que infestam os pomares, como sejam: piolhos, hoplocampas, aranhaços vermelhos, lagartas diversas, bichado dos frutos, lagartas mineiras, psyllas e cochonilhas, incluindo o piolho de S. José e outros. GUSATHION MS representa, pois, uma vantagem notável para o fruticultor, vantagem que se traduz em facilidade de escolha e aplicação — em economia.

® Gusathion MS

é um produto BAYER



ANTES DE USAR, LEIA O RÓTULO